

## Rio+20. Desafios e perspectivas

**Ricardo Abramovay**

Colocar a vida econômica a serviço do desenvolvimento sustentável: o eixo estratégico da Rio+20

E mais:

**Cristovam Buarque**

Alerta e esperança: duas palavras para pensar os novos rumos do mundo

>> **Reinaldo Gonçalves:**

Os rumos do capitalismo global: locomotivas voltam para os trilhos, vagões descarrilam

**Ladislau Dowbor**

Rio+20: centrada no equilíbrio entre a sustentabilidade e a equidade

>> **Rosana Vieira de Souza:**

Plataformas de mídias móveis: desafios para o consumo de conteúdo audiovisual

## Rio+20. Desafios e perspectivas

Vinte anos depois da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Eco-92), a cidade do Rio de Janeiro será novamente sede, em junho do próximo ano, da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a chamada Rio+20. Os temores de um fracasso da COP-17, realizada em Durban, na África do Sul, não se confirmaram. Isto pode ser um bom presságio para a Rio+20. Ao menos, é o que esperamos.

A IHU On-Line desta semana debate os desafios e as perspectivas da Rio+20. Para o Instituto Humanitas Unisinos - IHU, o debate deste importante evento continuará no sítio do IHU e em diversos eventos programados para o primeiro semestre de 2012.

Na concepção do jornalista **André Trigueiro**, “organizações do Terceiro Setor e as associações de empresas comprometidas com a sustentabilidade se movimentam para que a Rio+20 não seja um fiasco completo”. Na visão do senador **Cristovam Buarque**, presidente da Subcomissão Permanente de Acompanhamento da Rio+20 e do Regime Internacional sobre Mudanças Climáticas, o que não pode deixar de ser tocado na Rio+20 “é justamente o que, lamentavelmente, deixará de ser tocado”. Para o jornalista **Dal Marcondes**, a Rio+20 será uma grande oportunidade para os países colocarem no centro de suas pautas as questões relevantes do desenvolvimento limpo e da economia verde. Para o economista e professor na PUC-SP, **Ladislau Dowbor**, enquanto a Rio-92 tratou de levantar objetivos e metas em relação ao planeta, a Rio+20 terá como missão pensar uma forma de implementá-los. O também economista **Ricardo Abramovay** entende que a Rio+20 tem a chance de cumprir o que promete, mas que esta promessa “está muito aquém do mínimo necessário para se enfrentar os grandes problemas do século XXI”. O integrante da Coordenação da Rede Brasileira de Integração dos Povos - Rebrip, **Pedro Ivo de Souza Batista**, afirma que “dependendo do enfoque, os temas propostos na Rio+20 podem ser mais uma cortina de fumaça nas soluções dos problemas de fundo, ocasionados pela crise ambiental planetária”.

A revista também continua debatendo a crise financeira internacional. Nesta edição o economista **Reinaldo Gonçalves**, analisa os rumos do capitalismo global. Para ele, crises econômicas têm quatro manifestações distintas: real, financeira, fiscal e cambial.

“Plataformas de mídias móveis: desafios para o consumo de conteúdo audiovisual” é o título do artigo de **Rosana Vieira de Souza**, professora da Unisinos e pesquisadora do Grupo de Pesquisa CEPOS, do PPG em Comunicação da Unisinos.

Aurora Fornoni Bernardini, da USP, comenta a tradução brasileira, diretamente do russo, dos livros *Guerra e Paz*, de **Tolstoi**, e *O duplo*, de **Dostoievski**.

**Leônidas Tatsch**, agente de proteção e risco da Unisinos, relata aspectos da sua trajetória de vida.

A todas e todos uma boa leitura e uma excelente semana!

### Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da Revista IHU On-Line: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (graziela@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br), Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br) e Thamiris Magalhães MTB 0669451 (thamirism@unisinos.br). Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Natália Scholz, Rafaela Kley e Stefanie Telles. IHU On-Line pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: [ihuonline@unisinos.br](mailto:ihuonline@unisinos.br). Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br) - ramal 1173.

## Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

### A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 06 | **Cristovam Buarque**: Alerta e esperança: duas palavras para pensar os novos rumos do mundo

PÁGINA 09 | **Ricardo Abramovay**: Colocar a vida econômica a serviço do desenvolvimento sustentável: o eixo estratégico da Rio+20

PÁGINA 12 | **André Trigueiro**: A incompatibilidade entre sustentabilidade, pobreza e miséria

PÁGINA 14 | **Dal Marcondes**: “O Brasil tem condições para difundir um modelo de energia de baixo carbono”

PÁGINA 16 | **Ladislau Dowbor**: Rio+20: centrada no equilíbrio entre a sustentabilidade e a equidade

PÁGINA 18 | **Pedro Ivo de Souza Batista**: “Devemos erradicar a pobreza e manter nossas florestas em pé”

### B. Destaques da semana

» Entrevista da Semana

PÁGINA 22 | **Reinaldo Gonçalves**: Os rumos do capitalismo global: locomotivas voltam para os trilhos, vagões descarrilam

» Livro da Semana

PÁGINA 25 | **Aurora Bernardini**: Dostoiévski e Tolstoi: exacerbação e estranhamento

» Coluna do Cepos

PÁGINA 28 | **Rosana Vieira de Souza**: Plataformas de mídias móveis: desafios para o consumo de conteúdo audiovisual

» Destaques On-Line

PÁGINA 30 | Destaques On-Line

### C. IHU em Revista

» IHU Repórter

PÁGINA 34 | **Leônidas Tatsch**



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# A.

## Tema de Capa



## O que é a Rio+20



A cidade do Rio de Janeiro será a sede da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a qual ocorrerá de 20 a 22 de junho de 2012. O encontro recebeu o nome de Rio+20 e visa renovar o engajamento dos líderes mundiais com o desenvolvimento sustentável do planeta, vinte anos após a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92). Serão debatidos a contribuição da “economia verde” para o desenvolvimento sustentável e a eliminação da pobreza, com foco sobre a questão da estrutura de governança internacional na área do desenvolvimento sustentável. A Rio+20 insere-se, assim, na longa tradição de reuniões anteriores da ONU sobre o tema, entre as quais as Conferências de 1972 em Estocolmo, Suécia, e de 2002, em Joanesburgo, África do Sul.

Os dois temas em foco na Conferência serão: (a) uma economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável e da erradicação da pobreza; e (b) o quadro institucional para o desenvolvimento sustentável.

Fonte: Site do Ministério do Meio Ambiente ([www.mma.gov.br](http://www.mma.gov.br))

## Alerta e esperança: duas palavras para pensar os novos rumos do mundo

“Teremos um documento ousado, com um alerta para os riscos à humanidade inteira? Ou esse risco será esquecido, falando apenas da economia verde?”, questiona o senador Cristovam Buarque, sobre o possível resultado da Rio+20

POR GRAZIELA WOLFART

**N**a visão do senador Cristovam Buarque, presidente da Subcomissão Permanente de Acompanhamento da Rio+20 e do Regime Internacional sobre Mudanças Climáticas, o que não pode deixar de ser tocado na Rio+20 “é justamente o que, lamentavelmente, deixará de ser tocado”. Ele explica, na entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line**, que a Conferência a ser realizada no próximo ano no Rio de Janeiro é importante para a ONU, mas não é prioridade “porque, com a crise atual, ela tem que se preocupar com o Irã - se vai fazer bomba atômica ou não -, tem que se preocupar com Israel e Palestina, tem que se preocupar com a Europa, em função da crise que está vivendo, além de se preocupar com os desastres naturais da seca e com a fome em tantos países. Assim, a ONU termina deixando de lado tudo o que tem a ver com o longo prazo. A Organização das Nações Unidas fica muito prisioneira no imediato, nos problemas de hoje e não tem tempo de pensar nos problemas do futuro”. Para o senador, “o melhor caminho para erradicar a pobreza chama-se educação e ela depende menos de crescimento econômico do que do bom uso do dinheiro que já temos. O Brasil já tem renda suficiente para poder ter uma boa educação para todos”.

Cristovam Buarque é engenheiro mecânico, economista, educador, professor universitário e político brasileiro, membro do PDT. Atualmente é senador pelo Distrito Federal. Foi Ministro da Educação entre 2003 e 2004, no primeiro mandato de Lula. Nas eleições de 2010, foi reeleito para o cargo de senador pelo Distrito Federal, com mandato até 2018. É autor, entre outros, de *A Desordem do Progresso - o fim da era dos economistas e a construção do futuro* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991); *O que é educacionismo* (São Paulo: Brasiliense, 2008); e *A Borboleta Azul* (Rio de Janeiro: Editora Record, 2008). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - O que esperar da Rio+20? O senhor ainda acha que ela corre o risco de ser um fracasso?**

**Cristovam Buarque** - Ela corre o risco de ser um fracasso, sim, por duas razões: caso não compareçam aqui os principais chefes de estado e de governo (é preciso fazer com que eles venham); e, segundo, se o documento que sair não for satisfatório - para isso não acontecer é preciso que ele traga esperança nova para o mundo inteiro. Mas eu ainda espero que isso seja superado, que se consiga que todos os chefes de estado venham e que, no final, chegue-se a um documento que passe para o mundo inteiro a clareza do risco que corremos e da esperan-

ça que podemos ter mudando o rumo seguido nos últimos anos. Da Rio+20, além disso, eu espero que a sociedade civil, os movimentos sociais, as ONGs e todos que vão participar do encontro paralelo, terminem os debates com um documento pronto. Não importa o que for feito pelos chefes de estado. Façamos o nosso documento. E espero que se crie lá o que eu tenho chamado de “tribunal” para julgar os crimes do desenvolvimento, para manifestar a posição de grandes personalidades mundiais sobre os projetos que a economia vem fazendo. Posso dizer de antemão que uma coisa já está praticamente certa: vai sair da reunião a criação de um instituto para pensar o

futuro, que fará parte da Universidade das Nações Unidas, e que ficará no Rio de Janeiro. Isso já está decidido e o ministro da Ciência e Tecnologia, Aloizio Mercadante<sup>1</sup>, está fazendo o possível para que vire realidade.

**IHU On-Line - Quais as principais demandas e desafios da Subcomissão Permanente de Acompanhamento da Rio+20?**

**Cristovam Buarque** - O maior desafio da subcomissão é elaborar linhas

<sup>1</sup> Aloizio Mercadante Oliva (1954): economista e político brasileiro. Foi um dos fundadores do PT em fevereiro de 1980 e o vice-presidente do partido entre 1991 e 1999. Foi senador pelo estado de São Paulo entre 2003 e 2010. Desde janeiro de 2011 é Ministro da Ciência e Tecnologia do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

- já que a resposta concreta não vamos ter - que permitam o progresso sustentável, equilibrado, diferente daquele das últimas décadas, baseado apenas na produção material da economia, e que termina sendo um progresso que destrói a natureza, que concentra a renda, que se baseia no consumo e não no bem-estar. E essa é a grande demanda: mudar a mentalidade como olhamos e definimos o que é progresso.

**IHU On-Line - Além da falta de representatividade, quais são os outros principais problemas da conferência?**

**Cristovam Buarque** - Vejo um problema a mais, que é qual será a proposta que vai sair da reunião. Teremos um documento ousado, com um alerta para os riscos à humanidade inteira? Ou se vai esquecer-se desse risco, falando apenas da economia verde? O outro problema, como sugere a pergunta, é o da representatividade. Quanto à infraestrutura, acho que não vai haver riscos. O governo está trabalhando muito bem para criar todas as condições materiais, tanto de hospedagem como de transporte e segurança, para que o encontro aconteça com muita tranquilidade.

**IHU On-Line - Por que o senhor pensa que a Rio+20 não é uma prioridade da ONU?**

**Cristovam Buarque** - A Rio+20 é importante para a ONU, mas não é prioridade porque, com a crise atual, ela tem que se preocupar com o Irã - se vai fazer bomba atômica ou não -, tem que se preocupar com Israel e Palestina, tem que se preocupar com a Europa, em função da crise que está vivendo, além de se preocupar com os desastres naturais da seca e com a fome em tantos países. Assim, a ONU termina deixando de lado tudo o que tem a ver com o longo prazo. Ela fica muito prisioneira no imediato, nos problemas de hoje e não tem tempo de pensar nos problemas do futuro.

**IHU On-Line - Quais as propostas que deveriam ser debatidas na Rio+20?**

**Cristovam Buarque** - O que não pode

## “Essa é a grande demanda: mudar a mentalidade como olhamos e definimos o que é progresso”

deixar de ser tocado é justamente o que, lamentavelmente, deixará de ser tocado. O conceito de progresso é o primeiro ponto: qual é o progresso que queremos para o futuro? É o progresso de mais gente trabalhando ainda mais, se endividando para consumir mais, ou o progresso de mais gente incluída socialmente, destruindo menos a natureza? Nós podemos definir a maneira de progredir no sentido de que as pessoas tenham mais tempo livre, possam usufruir mais das atividades culturais e não só o consumo dos bens materiais.

**IHU On-Line - Quais os caminhos para se eliminar a pobreza sem depender de crescimento econômico?**

**Cristovam Buarque** - Em primeiro lugar, redefinir os conceitos. Se dissermos que progresso é crescimento, então, sem crescimento econômico não há progresso. Mas podemos definir que progresso é ter o que comer, ter escola, ter saúde e que o crescimento econômico é uma necessidade, mas não é o suficiente. O Brasil tem uma população muito pobre ainda, e é preciso produzir para eles. Isso dará um crescimento pela base. E há produtos de alta renda que não precisam continuar crescendo, até porque eles produzem a crise ecológica. É preciso produzir o que é necessário para as populações mais pobres. Para as classes mais altas, está na hora de começar a reduzir o nível de consumo daqui para a frente. O melhor caminho para erradicar a pobreza chama-se educação e ela depende menos de crescimento econômico do que do bom uso do dinheiro que já temos. O Brasil já tem renda suficiente para poder ter uma boa educação para todos.

**IHU On-Line - Como o senhor vê a**

expressão “desenvolvimento sustentável”? É possível imaginar um desenvolvimento, no sentido do crescimento econômico, de forma ambientalmente sustentável?

**Cristovam Buarque** - O atual crescimento econômico é impossível de ser sustentável. Veja o caso do automóvel. Suponhamos que se consiga substituir totalmente o petróleo por etanol, que é sustentável. Mesmo assim, não dá para continuar aumentando o número de automóveis, porque eles não cabem mais nas estradas. É uma questão de aritmética. Cada automóvel tem um número de metros quadrados, que vão ocupando cada vez mais espaço.

**IHU On-Line - Como a sociedade brasileira pode se preparar para a Rio+20, no sentido de contribuir para sucesso da Conferência?**

**Cristovam Buarque** - Deve se preparar debatendo os temas no trabalho, nas escolas. Para isso criamos o Dia Nacional da Consciência das Mudanças Climáticas, sancionado na semana passada pelo deputado Marco Maia<sup>2</sup>, quando estava substituindo a presidente Dilma e seu vice. Será no dia 16 de março do próximo ano, quando teremos um dia de debates sobre as mudanças climáticas. Outra forma é ajudando o governo a criar uma cidade capaz de receber bem todos que virão para o Rio de Janeiro em junho do próximo ano.

**IHU On-Line - Como imagina que os temas propostos pelo senhor (água; energia; pobreza; padrão de consumo; novo indicador de progresso; biodiversidade; aquecimento global; padrão de produção e distribuição; economia verde; cidades; ciência e tecnologia; e decrescimento) serão discutidos na Rio+20?**

**Cristovam Buarque** - Esses temas serão muito pouco discutidos entre os chefes de Estado. Mas creio que poderão ser bem discutidos na reunião paralela, da sociedade civil. O problema é que hoje não temos es-

<sup>2</sup> Marco Aurelio Spall Maia (1965): metalúrgico e político gaúcho, nascido no município de Canoas, é deputado federal pelo PT e o atual presidente da Câmara dos Deputados. (Nota da IHU On-Line)

tadistas mundiais. Eles vêm para esses encontros como presidentes, cada um do seu país. Ninguém vem ali para falar dos interesses do planeta. Cada um falará dos interesses do seu respectivo país. O resultado é que não se tocarão nos problemas planetários, civilizatórios da humanidade. Ninguém vai se preocupar com os problemas de longo prazo, porque são candidatos e o candidato deve falar para atender às necessidades imediatas da população, já que a política se faz no curto prazo, mesmo que os problemas sejam de longo prazo.

**IHU On-Line - Por isso que se fala tanto da questão da governança internacional...**

**Cristovam Buarque** - Exatamente. Para um simples problema financeiro na Europa não foi encontrada a solução facilmente, pois se reúnem para pensar, cada um, nos votos que terão. Sarkozy<sup>3</sup> está agindo pensando na eleição do próximo ano. O eleitor dele não quer que ele ajude a Grécia, mas que resolva o problema do desemprego no seu próprio país.

**IHU On-Line - O que não poderia faltar na “Carta do Rio ao Mundo”, em conclusão à Rio+20?**

**Cristovam Buarque** - Duas coisas: alerta e esperança. Não pode faltar no documento final uma palavra que faça o alerta de que o rumo que estamos seguindo não pode continuar; e a outra palavra é de que o próximo rumo exige um novo conceito de progresso no mundo.

**IHU On-Line - E o que faria parte deste novo conceito de progresso?**

**Cristovam Buarque** - Conseguir tempo livre, garantir educação e saúde de qualidade igual para todos. Além disso, é preciso trabalhar para que o país e o mundo não tenham pobreza.

<sup>3</sup> Nicolas Sarkozy (1955): advogado e político francês, atualmente o 23º presidente da França. É também, juntamente com o bispo de Urgel, o co-príncipe de Andorra. (Nota da IHU On-Line)

## SIGA O IHU NO TWITTER: [\\_IHU](#)

The screenshot shows the Twitter homepage in Portuguese. At the top, there's a search bar with the text "O que está acontecendo?". Below it, there are navigation links: "Histórico", "@Mencões", "Retweets", "Buscas", and "Listas". The main content area displays a list of tweets:

- liberation\_info** Libération  
Quand le vol à l'étalage va, tout va? bit.ly/uicZpL  
há 48 segundos
- fattoquotidiano** Il Fatto Quotidiano  
P Giustiniani, più tardi il video del Fatto.it delle dichiarazioni di Di Pietro (ldv) #oramonti #doposilvio  
há 1 minuto
- eicbarragens** ObservatórioBarragem  
Entrevista com o Cacique Megaron após sua exoneração de cargo na FUNAI vimeo.com/31481414  
há 1 minuto
- \_Heloisa\_Helena** Heloisa Helena  
2. Só não pode dizer que fará Revolução... o Sistema Nervoso Central impedirá! E se tiver Crise de Abstinência então!  
há 1 minuto



## Colocar a vida econômica a serviço do desenvolvimento sustentável: o eixo estratégico da Rio+20

Ricardo Abramovay entende que a Rio+20 tem chance de cumprir o que promete. “Mas esta promessa está muito aquém do mínimo necessário para se enfrentar os grandes problemas do século XXI”, critica

POR GRAZIELA WOLFART

“Colocar a economia verde no centro significa convidar os tomadores de decisão econômica a ocupar o centro do debate e convidá-los a alterar a maneira como usam os recursos sobre os quais têm poder”, coloca o economista Ricardo Abramovay, sobre a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, a ser realizada no próximo ano. No entanto, alerta que “a economia verde vai se convertendo numa espécie de árvore de Natal, onde se pendura o que for conveniente, algo cuja consistência lógica é capenga e que se exprime na ideia de que só é verde a economia que combate a pobreza e a miséria”. Na entrevista que aceitou conceder por e-mail para a **IHU On-Line**, Abramovay questiona: “se o país que vai abrigar a conferência não ousa apontar horizontes inovadores em suas posições, como esperar que a própria reunião desperte entusiasmo proporcional ao que deveria ser sua importância?”. E constata: “enquanto a luta contra a desigualdade não se vincular ao estabelecimento de limites no uso dos materiais, da energia, da ocupação do espaço carbono ela nada mais será que a expectativa irrealista de melhorar a vida dos pobres sem tocar no padrão de consumo e no poder dos que se encontram no alto da hierarquia social”.

Professor titular do Departamento de Economia da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade - FEA e do Instituto de Relações Internacionais da USP, pesquisador do CNPq e coordenador de Projeto Temático sobre Mudanças Climáticas na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP, Ricardo Abramovay é mestre em Ciências Políticas, pela Universidade de São Paulo - USP e doutor em Ciências Econômicas, pela Universidade de Campinas - Unicamp. Confira a entrevista.

### **IHU On-Line - A Rio+20 conseguirá cumprir o que promete?**

**Ricardo Abramovay** - Do que li até aqui, os documentos que orientam a reunião propõem-se a seguir basicamente no rumo daquilo que vem sendo feito nos últimos vinte anos. Neste sentido, a Rio+20 tem chance de cumprir o que promete. Mas esta promessa está muito aquém do mínimo necessário para se enfrentar os grandes problemas do século XXI.

### **IHU On-Line - A economia verde representa um novo paradigma?**

**Ricardo Abramovay** - Não. A economia verde corresponde a três coisas que já estão sendo feitas (mesmo que possam e devam ser aceleradas, claro): a) incrementar o ritmo de avanço das ener-

gias renováveis; b) melhorar o uso desta energia, o uso dos materiais e reduzir drasticamente todas as formas de poluição, a começar pela emissão de gases de efeito estufa; e c) estimular a valorização econômica dos produtos e dos serviços da biodiversidade nos diferentes biomas, mas sobretudo nas florestas tropicais transitando do que Bertha Becker<sup>1</sup> chama de economia da destruição da natureza para a economia do conhecimento da natureza.

<sup>1</sup> Bertha Koiffmann Becker: geógrafa brasileira. Atualmente é professora emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro e coordenadora do Laboratório de Gestão do Território - LAGET/UFRJ. É membro da Academia Brasileira de Ciências e Doutor “Honoris Causa” pela Universidade de Lyon III. (Nota da IHU On-Line)

### **IHU On-Line - Onde entraria a dimensão social neste debate?**

**Ricardo Abramovay** - Uma rápida consulta à página na internet da Rio+20<sup>2</sup> mostra imensa preocupação com a miséria e a pobreza em todos os documentos e todas as reuniões preparatórias para a Conferência, o que é positivo, claro. Mas, com isso, a economia verde vai se convertendo numa espécie de árvore de Natal, onde se pendura o que for conveniente, algo cuja consistência lógica é capenga e que se exprime na ideia de que só é verde a economia que combate a pobreza e a miséria. Ora, isso não é necessariamente verdadeiro: é possível alcançar mais eficiência energética e

<sup>2</sup> Conferir em <http://www.uncsd2012.org/rio20/> (Nota da IHU On-Line)

material e menos poluição em produtos cujo impacto sobre a vida das sociedades não é necessariamente positivo: há empresas de armamentos que possuem selos de qualidade, por exemplo. O Procon acaba de multar o Mc Donald's por insistir neste absurdo que é atrair o público infantil para o consumo de seus produtos por meio de brindes atrativos para as crianças: é uma prática socialmente nefasta, mesmo que as embalagens sejam menos poluentes que um tempo atrás. A ecoeficiência não é uma expressão que organicamente conduz, por si só, a melhorias sociais, apesar de toda a sua importância.

**IHU On-Line - Por que a Conferência foi convocada sob o termo economia verde e não sob o termo desenvolvimento sustentável?**

**Ricardo Abramovay** - Todos insistem que se trata de uma conferência sobre desenvolvimento sustentável. Então por que economia verde? A melhor explicação que eu ouvi é que a escolha deste termo (economia verde) deve-se ao fato de que para se atingir o desenvolvimento sustentável é necessário transformar muito mais do que se conseguiu até aqui a própria economia. Colocar a economia verde no centro significa convidar os tomadores de decisão econômica a ocupar o centro do debate e convidá-los a alterar a maneira como usam os recursos sobre os quais têm poder.

**IHU On-Line - O senhor considera que esta é uma boa tática?**

**Ricardo Abramovay** - Acho que sim. Dirigir-se aos gestores econômicos e ampliar a participação pública (governamental e não governamental) em suas decisões é fundamental. E felizmente isso vem acontecendo cada vez mais. Mas se é assim, a ênfase não poderia se limitar fundamentalmente a melhorar a ecoeficiência e a ampliar as políticas de combate à miséria e à pobreza. A ecoeficiência melhorou muito nas últimas décadas. Em 1980 para produzir um dólar do PIB mundial emitia-se uma tonelada de gases de efeito estufa. Hoje isso caiu para 770 gramas. Entre 1975 e 2000 cai pela metade o uso de recursos físicos (materiais de construção, biomassa, minérios e combustíveis fósseis) com o

## “A ecoeficiência não é uma expressão que organicamente conduz, por si só, a melhorias sociais, apesar de toda a sua importância”

qual se produz cada unidade de riqueza. Ao mesmo tempo, a expansão de uma nova classe média mundial (150 milhões de novos consumidores por ano, nos próximos vinte anos, segundo documento recente da McKinsey) é uma excelente notícia. Os principais documentos da Rio+20 têm como ênfase o seguinte: vamos continuar por aí e superar a crise de 2008 apostando fundamentalmente neste caminho.

**IHU On-Line - Como o documento de contribuição brasileira à conferência Rio+20 se coloca diante disso?**

**Ricardo Abramovay** - O documento brasileiro<sup>3</sup> inova, no plano internacional, à medida que foi elaborado a partir de uma consulta bastante ampla a organizações privadas e da sociedade civil. Apesar disso, é uma verdadeira apologia à maneira habitual de se conduzir os negócios, o chamado *business as usual*. Sempre se pode alegar que apontar horizontes inovadores não é a vocação de textos oficiais, mesmo se redigidos com participação social. Mas se é assim, se o país que vai abrigar a conferência não ousa apontar horizontes inovadores em suas posições, como esperar que a própria reunião desperte entusiasmo proporcional ao que deveria ser sua importância?

**IHU On-Line - Quais as principais novidades contidas no documento brasileiro?**

**Ricardo Abramovay** - As três maiores novidades contidas no documento são basicamente: a) imprimir caráter global a políticas, bem sucedidas no Brasil, de combate à pobreza (transferência de

3 A íntegra do documento está disponível em [http://www.epsjv.fiocruz.br/upload/material%20noticias/doc\\_rio20.pdf](http://www.epsjv.fiocruz.br/upload/material%20noticias/doc_rio20.pdf) (Nota da IHU On-Line)

renda, eletrificação para os mais pobres e bolsa verde, voltada à manutenção de biomas ameaçados); b) transformar o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas em Conselho de Desenvolvimento Sustentável e fortalecimento do PNUMA; c) apoiar iniciativas já em curso do setor privado de rastrear e certificar práticas empresariais voltadas a indicar os impactos socioambientais da oferta de bens e serviços.

**IHU On-Line - Se é assim, então por que dizer que o documento brasileiro também vai no sentido do *business as usual*?**

**Ricardo Abramovay** - O documento preconiza basicamente que o crescimento econômico mundial abra caminho à redução da pobreza, seja por meio da elevação de empregos formais, seja por meio de políticas públicas para melhorar as condições dos mais pobres. Este crescimento deveria apoiar-se em mudanças tecnológicas que reduzissem seus impactos sobre os ecossistemas, o que permitiria também a geração de empregos verdes. Isso no contexto de políticas para a proteção das florestas, da água, da biodiversidade, para a redução das desigualdades de sexo e de raça. É necessário também, prossegue o texto, promover convergência de políticas internacionais, sobretudo no que se refere aos aportes de recursos financeiros por parte dos países desenvolvidos e ao que o documento chama de transferência de tecnologias para as nações em desenvolvimento. A esmagadora maioria das propostas contidas no documento no que se refere ao combate à pobreza e à ecoeficiência já está em curso em praticamente todo o mundo. Monitorar tais avanços e aprofundá-los por meio do crescimento econômico generalizado e da intensificação da inovação tecnológica é insuficiente para enfrentar os grandes desafios do século XXI.

**IHU On-Line - O que seria uma abordagem inovadora vinda de um país com a ambição de liderar a emergência de uma economia voltada ao desenvolvimento sustentável?**

**Ricardo Abramovay** - A meu ver ela deveria contemplar ao menos três pontos ausentes ou marginais no documento.

O primeiro é a drástica redução da desigualdade. Nas poucas vezes em que o tema é mencionado, a abordagem é no sentido de melhorar a condição dos mais pobres e nunca de limitar o poder dos que estão no topo da pirâmide social. Não se trata apenas de um preceito ético, mas de uma premissa decisiva para que os recursos materiais e energéticos oferecidos pelos ecossistemas possam, de fato, preencher as necessidades humanas sem as quais o desenvolvimento não poderá florescer. São limitados os materiais e a energia indispensáveis para que, num mundo de 10 bilhões de pessoas (2050), todos tenham acesso à saúde, à educação, ao lazer e a uma vida que vale a pena ser vivida. Por mais que avance a inovação tecnológica (a economia verde), ela não suprime esses limites e tal é o ponto central para uma nova governança (que é outro termo da Rio+20). O desafio desta nova governança não é o que dominou o mundo desde a Revolução Industrial e que consistia em acreditar que o segredo do bem-estar estava em produzir cada vez mais. Enquanto a luta contra a desigualdade não se vincular ao estabelecimento de limites no uso dos materiais, da energia, da ocupação do espaço carbono, ela nada mais será que a expectativa irrealista de melhorar a vida dos pobres sem tocar no padrão de consumo e no poder dos que se encontram no alto da hierarquia social.

#### **IHU On-Line - E como entra nesta discussão o segundo termo da conferência, a governança?**

**Ricardo Abramovay** - Este é o segundo ponto do que poderia ser uma abordagem inovadora. A governança do desenvolvimento sustentável não pode deixar de entrar no mérito daquilo que se faz com os recursos disponíveis, sejam estes recursos públicos ou privados. Não é consistente constatar, como faz o documento brasileiro, o estrangulamento generalizado da mobilidade metropolitana e nada propor para que seja revertido o papel do automóvel individual no sistema de transportes, no planejamento das cidades e na própria estratégia de organização da vida econômica. Cidades sustentáveis não combinam com o “carrocentrismo” da civilização contemporânea. Mas a omissão não é só brasileira.

O boletim oficial da conferência Rio+20 *Making it happen*<sup>4</sup> dedica seu número de novembro ao tema “Urbanização rápida e cidades sustentáveis”. Nem uma linha sobre automóveis. Uma conferência voltada a colocar a economia a serviço do desenvolvimento tem que partir da constatação de que o automóvel individual é o meio mais ineficiente e menos benéfico socialmente para garantir a mobilidade urbana. E, no entanto, a indústria automobilística, se fosse um país, corresponderia à sexta economia mundial. Isso, sem contar o petróleo! Apoiar o crescimento na expansão dos carros não é uma decisão simplesmente privada, pois tem efeitos globais sobre o clima, sobre a organização urbana e sobre o uso de materiais e isso tem que ser objeto de discussão pública. O desenvolvimento sustentável é incompatível com a perpetuação deste poder. A transição para cidades humanas, que se organizem em função dos potenciais dos territórios, do fortalecimento das comunidades e da qualidade de vida das pessoas, isso não combina com a maneira como se usam o ferro, o vidro, o plástico, os combustíveis fósseis, no sentido de produzir carros cada vez mais pesados, mais rápidos e que ficam parados nos congestionamentos. A maior dificuldade dos dias de hoje não é lidar com as carências e sim com os excessos da vida econômica e, mais uma vez, esta não é a inspiração do documento brasileiro, nem, pelo que vi até aqui, da conferência como um todo.

#### **IHU On-Line - Como a dimensão tecnológica aparece nesta discussão?**

**Ricardo Abramovay** - Aqui entra o terceiro ponto: o desenvolvimento sustentável supõe uma verdadeira economia do conhecimento e isso exige uma nova divisão internacional do uso dos recursos ecossistêmicos. A África e a América Latina, continentes cuja biocapacidade é superior a sua pegada ecológica, são os únicos em que o desmatamento ainda avança, mesmo que a um ritmo inferior que há dez anos. Ao mesmo tempo, na América Latina, a importância da oferta de energia, de commodities agrícolas e minerais traz a contrapartida macroeconômica de desestimular indústrias mais intensivas em conhecimento em bene-

<sup>4</sup> Saiba mais em <http://www.uncsd2012.org/rio20/?menu=40> (Nota da IHU On-Line)

fício daquelas cujo potencial contaminante é maior e cuja base tecnológica é menos avançada. A Rio+20 deveria propor sistemas de inovação voltados para a sustentabilidade e par uma ampla cooperação tecnológica, com base no princípio de que o conhecimento é um bem comum à espécie humana e que permitisse acelerar a transição para o melhor uso dos recursos dos quais depende a oferta de bens e serviços.

#### **IHU On-Line - E qual o papel do comércio internacional?**

**Ricardo Abramovay** - É preocupante que em vez de preconizar rígidos critérios socioambientais na exploração de energia, commodities agrícolas e minerais, o documento brasileiro (mas isso aparece também em outros textos da conferência) insista no temor de que estes critérios possam ser usados, no comércio internacional, como barreiras não tarifárias. O Brasil tem todo o interesse em liderar um movimento que faça da manutenção dos serviços ecossistêmicos dos quais dependem as sociedades humanas uma condição básica para a produção de bens e serviços. Assim como não se aceitam hoje produtos oriundos de trabalho escravo ou infantil, não se podem aceitar bens que se apoiem na destruição da biodiversidade, a menos que haja acordos internacionais no sentido de autorizar, por exemplo, emissões de gases de efeito estufa, mas para finalidades que devem ser socialmente relevantes e não, insisto, para o uso em carros de três toneladas conduzindo um passageiro em seu trajeto. Em vários círculos de negócios e organizações da sociedade civil já se discute a necessidade de se colocar a vida econômica a serviço do desenvolvimento sustentável. Esse, a meu ver, deveria ser o eixo estratégico da Rio+20.

#### **LEIA MAIS...**

>> Ricardo Abramovay já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Confira:

- A economia ecológica e os desafios para os economistas de esquerda. Entrevista publicada na revista IHU On-Line número 287, de 30-03-2009, disponível em <http://bit.ly/uF2Cc5>;
- Economia de baixo carbono: o desafio brasileiro. Entrevista publicada no sítio do IHU em 22-11-2010, disponível em <http://bit.ly/szXLAX>.



# A incompatibilidade entre sustentabilidade, pobreza e miséria

“Organizações do terceiro setor e as associações de empresas comprometidas com a sustentabilidade se movimentam para que a Rio+20 não seja um fiasco completo”, afirma André Trigueiro

POR GRAZIELA WOLFART

**N**a concepção do jornalista André Trigueiro, desde a realização da Rio-92, “o mundo avançou muito menos do que poderia, ou deveria, nessas duas décadas. Há 20 anos saímos da inércia. Mas hoje constatamos com certa perplexidade que a escalada de destruição do planeta não desacelerou como deveria”. Para ele, na entrevista concedida por e-mail à *IHU On-Line*, importa esclarecer que “a Rio+20 não é uma Conferência formal nas Nações Unidas, onde os países devam buscar acordos oficiais sobre os assuntos discutidos. Não haverá, portanto, o estresse e a tensão das negociações do clima e da biodiversidade, para citar apenas dois exemplos de assuntos estratégicos. Alguns diplomatas e políticos entendem que essa forma ‘descontraída’ de promover o debate pode ajudar na busca por acordos informais que, eventualmente, se desdobrem na direção de uma formalidade legal. Mas não há garantias de que isso aconteça. Está previsto também que as ONGs entreguem aos chefes de estado as conclusões dos debates realizados pelo terceiro setor. Isso poderá gerar um fato de pressão positiva na busca por novos comprometimentos. É esperar para ver”. No entanto, conclui que “sem esses encontros tudo seria mais difícil. O fato de os resultados até aqui serem relativamente escassos não invalida a iniciativa. O mundo precisa se reconhecer em torno de uma mesma mesa. É assim que se constrói a agenda da mudança”.

André Trigueiro é jornalista, pós-graduado em Gestão Ambiental pela Coope/UFRJ e professor do curso de Jornalismo Ambiental da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio. Na Globo News, apresenta o programa “Cidades e soluções”, tratando da questão do meio ambiente. É autor de *Meio ambiente no século 21* (Rio de Janeiro: Sextante, 2003); *Mundo sustentável* (São Paulo: Globo, 2005); e *Espiritismo e ecologia* (2ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010). Confira a entrevista.

## IHU On-Line - Quais são suas perspectivas para a Rio+20?

**André Trigueiro** - Não sabemos ao certo quantos chefes de estado virão. O que é certo é a gravidade da crise econômica na Europa e nos Estados Unidos, que estará no centro das atenções nos países desenvolvidos ano que vem e poderá ser usada como pretexto para não avançarmos de imediato na direção de um modelo mais sustentável de desenvolvimento, o que é um equívoco. Mas organizações do terceiro setor e as associações de empresas comprometidas com a sustentabilidade se movimentam para que a Rio+20 não seja um fiasco completo.

## IHU On-Line - Que retrospectiva histórica pode ser feita desde a Eco-92

## sobre os encaminhamentos em relação aos desafios climáticos do planeta?

**André Trigueiro** - Cobri a Rio-92 e lembro-me bem da novidade que foi aquela Conferência e do que ela representou para o mundo. O Protocolo de Kyoto<sup>1</sup> e

<sup>1</sup> **Protocolo de Kyoto:** consequência de uma série de eventos iniciada com a Toronto Conference on the Changing Atmosphere, no Canadá (outubro de 1988), seguida pelo IPCC's First Assessment Report em Sundsvall, Suécia (agosto de 1990) e que culminou com a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança Climática (CQNUMC, ou UNFCCC em inglês) na ECO-92 no Rio de Janeiro, Brasil (junho de 1992). Também reforça seções da CQNUMC. Constitui-se no protocolo de um tratado internacional com compromissos mais rígidos para a redução da emissão dos gases que agravam o efeito estufa, considerados, de acordo com a maioria das investigações científicas, como causa antropogênicas do aquecimento global. (Nota da IHU On-Line)

o Tratado da Biodiversidade<sup>2</sup> nasceram ali. A expressão “desenvolvimento sustentável” foi popularizada mundo afora a partir da Rio-92. De lá para cá registramos muitas inovações importantes nos setores público e privado em favor do meio ambiente. Enfim, demos um passo importante. Mas o mundo avançou mui-

<sup>2</sup> **Convenção da Biodiversidade:** acordo aprovado durante a RIO-92, por 156 países e uma organização de integração econômica regional. Foi ratificada pelo Congresso Nacional Brasileiro e entrou em vigor no final de dezembro de 1993. Os objetivos da convenção são a conservação da biodiversidade, o uso sustentável de seus componentes e a divisão equitativa e justa dos benefícios gerados com a utilização de recursos genéticos. Neste documento destaca-se o “Protocolo de Biosegurança”, que permite que países deixem de importar produtos que contenham organismos geneticamente modificados. Dos 175 países signatários da Agenda 21, 168 confirmaram sua posição de respeitar a Convenção sobre Biodiversidade. (Nota da IHU On-Line)

to menos do que poderia, ou deveria, nessas duas décadas. Há 20 anos saímos da inércia. Mas hoje constatamos com certa perplexidade que a escalada de destruição do planeta não desacelerou como deveria.

**IHU On-Line - O que há de novo, de diferente na Rio+20 em relação às outras conferências do clima já realizadas?**

**André Trigueiro** - Importa esclarecer que a Rio+20 não é uma Conferência formal nas Nações Unidas, onde os países devam buscar acordos oficiais sobre os assuntos discutidos. Não haverá, portanto, o estresse e a tensão das negociações do clima e da biodiversidade, para citar apenas dois exemplos de assuntos estratégicos. Alguns diplomatas e políticos entendem que essa forma “descontraída” de promover o debate pode ajudar na busca por acordos informais que, eventualmente, se desdobrem na direção de uma formalidade legal. Mas não há garantias de que isso aconteça. Está previsto também que as ONGs entreguem aos chefes de estado as conclusões dos debates realizados pelo terceiro setor. Isso poderá gerar um fato de pressão positiva na busca por novos comprometimentos. É esperar para ver.

**IHU On-Line - Até que ponto essas reuniões ou conferências sobre o clima contribuem para uma real mudança de paradigma em relação ao planeta?**

**André Trigueiro** - Sem esses encontros tudo seria mais difícil. O fato de os resultados até aqui serem relativamente escassos não invalida a iniciativa. O mundo precisa se reconhecer em torno de uma mesma mesa. É assim que se constrói a agenda da mudança.

**IHU On-Line - Como seria uma economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável e da erradicação da pobreza?**

**André Trigueiro** - A expressão economia verde não é aceita por alguns segmentos da sociedade que entendem aí uma tentativa de esvaziar o debate sobre inclusão social e erradicação

## “Há aqueles que não percebem a questão da pobreza como inerente a qualquer debate que pretenda discutir um novo modelo de desenvolvimento”

da pobreza no mundo, que estariam melhor acomodados na expressão “desenvolvimento sustentável”. Há certo exagero nisso. Li o documento da ONU sobre economia verde e a questão da pobreza está colocada. Mas é bom estarmos vigilantes em relação a essa polêmica porque, de fato, há aqueles que não percebem a questão da pobreza como inerente a qualquer debate que pretenda discutir um novo modelo de desenvolvimento.

**IHU On-Line - Qual o papel da sociedade civil e das empresas para o sucesso da Rio+20?**

**André Trigueiro** - É cada vez maior. À medida que os governos tendem a se preocupar com a agenda de curto prazo, com os planos de desenvolvimento imediatistas, é preciso buscar fora dos governos o arco de alianças que projetará o rumo dos debates no longo prazo. Governos passam, vem e vão. A sociedade fica. É preciso dar voz e vez aos legítimos representantes do terceiro setor e das empresas.

**IHU On-Line - Que relação pode ser estabelecida entre a sustentabilidade socioambiental e a redução das desigualdades no mundo?**

**André Trigueiro** - Os pobres e miseráveis são as maiores vítimas da crise ambiental. Resolver ou atenuar a crise é prevenir o risco de um colapso social. Além disso, não é possível falar de sustentabilidade onde ainda haja pobreza e miséria. Um modelo sustentável de desenvolvimento é aquele que compatibiliza produção

de riqueza com geração de renda e emprego, justiça social e respeito aos limites da natureza.

**IHU On-Line - Como imaginar um cenário com prosperidade sem crescimento econômico?**

**André Trigueiro** - Não é consensual a tese de que o crescimento econômico seja sinônimo de prosperidade coletiva. O próprio termo “crescimento” está sendo questionado por economistas e pensadores. O economista da USP, Ladislau Dowbor, para citar apenas um exemplo, diz que “crescer por crescer é a filosofia da célula cancerosa”. Há quem defenda um modelo de desenvolvimento em que a meta não seja simplesmente “crescer”, mas promover a retirada sustentável dos recursos naturais. Nossa cultura desenvolvimentista (que elegeu o crescimento do PIB como meta) não enxerga os limites do planeta, e isso pode se revelar extremamente ameaçador para a própria espécie humana. Os valores prevalentes da sociedade de consumo são essencialmente predatórios, não respeitam a resiliência do meio ambiente e a melhor tradução disso em uma única palavra é “ecocídio”. É preciso coragem intelectual para pensar de forma diferente, fazer as perguntas certas e não ter medo das respostas.

### LEIA MAIS...

>> André Trigueiro já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Confira:

\* Fontes sujas compõem a matriz energética brasileira. Entrevista publicada nas Notícias do Dia do site do IHU em 05-12-2007, disponível em <http://bit.ly/av1wMr>;

\* O mundo não depende de um acordo da ONU para mudar, porque a mudança está em curso. Entrevista publicada nas Notícias do Dia do site do IHU em 03-01-2010, disponível em <http://bit.ly/9wgBdr>;

\* O mundo começa a partir da casa da gente. Entrevista publicada na revista IHU On-Line número 346, de 04-10-2010, disponível em <http://bit.ly/9gHIXC>;

\* “Deus não seria justo se condenasse qualquer um de nós a uma pena eterna”. Entrevista publicada na revista IHU On-Line número 349, de 01-11-2010, disponível em <http://bit.ly/aaFmfb>;

\* “A multiplicação de carros no Brasil é uma bomba relógio ambiental de grandes proporções”. Entrevista publicada no site do IHU em 16-03-2011, disponível em <http://bit.ly/sb6lj0>.

## “O Brasil tem condições para difundir um modelo de energia de baixo carbono”

Para o jornalista Dal Marcondes, a Rio+20 será uma grande oportunidade para os países colocarem no centro de suas pautas as questões relevantes do desenvolvimento limpo e da economia verde

POR GRAZIELA WOLFART

“N ão será uma conferência de grandes decisões, principalmente porque o sistema da ONU não permite revoluções”, constata o jornalista Dal Marcondes, sobre a Rio+20. Segundo ele, “é sempre preciso construir consensos para que as decisões passem a valer. O pior que se pode ter é a expectativa de transformações ou decisões radicais. É bom lembrar, também, que essa conferência é muito mais de governança do que sobre meio ambiente. Além disso, todos os temas que atualmente estão sendo discutidos em COPs não terão fórum na Rio+20. É preciso ajustar as expectativas ao que é possível conseguir para que, ao final, não sobre um desagradável sabor de fracasso”. Na entrevista a seguir, concedida por e-mail para a **IHU On-Line**, Dal Marcondes esclarece que “o Programa de Meio Ambiente da ONU vai levar à Rio+20 a proposição de transformar a economia global em uma economia verde, que seja inclusiva, distributiva e capaz de reduzir as desigualdades tanto entre as pessoas como entre os países. Um compromisso dos governos em caminhar nessa direção pode ser um passo importante para a transformação da economia nos próximos anos”.

Dal Marcondes é graduado pela Escola de Comunicação e Artes e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da USP. Especializado em Jornalismo Econômico, conta com passagens pelas redações das revistas IstoÉ, Exame, Dirigente Industrial, pelas agências France Presse, Dinheiro Vivo, Agência Estado e pelos jornais DCI, Gazeta Mercantil e O Estado de S. Paulo. É editor no Brasil do Projeto Terra-mérica, ligado aos Programas das Nações Unidas para o Meio Ambiente - PNUMA e para o Desenvolvimento - PNUD, moderador da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental e membro do grupo de trabalho Comunicação Ambiental, do Ministério do Meio Ambiente, e do Conselho de Ética do Fórum Amazônia Sustentável. Fundador e atual diretor de redação da Envolverde (<http://envolverde.com.br/>), portal que tem como missão Jornalismo & Sustentabilidade, recebeu em 2006 e 2008 o Prêmio Ethos de Jornalismo. É também editor da revista Carta Verde - realizada em parceria com a revista Carta Capital. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - A Rio+20 conseguirá obter bons resultados? Quais os possíveis entraves em relação à construção de consensos para que as negociações entre os países avancem?**

**Dal Marcondes -** A Rio+20 será uma grande oportunidade para os países colocarem no centro de suas pautas as questões relevantes do desenvolvimento limpo e da economia verde. No entanto, não será uma conferência de grandes decisões, principalmente porque o sistema da ONU não permite revoluções. É sempre preciso construir consensos para que as decisões

passem a valer. O pior que se pode ter é a expectativa de transformações ou decisões radicais. É bom lembrar, também, que essa conferência é muito mais de governança do que sobre meio ambiente. Além disso, todos os temas que atualmente estão sendo discutidos em COPs não terão fórum na Rio+20. É preciso ajustar as expectativas ao que é possível conseguir para que, ao final, não sobre um desagradável sabor de fracasso.

**IHU On-Line - O que a Rio+20 pode oferecer à sociedade cansada de**

**apenas ouvir discursos em relação aos desafios do clima?**

**Dal Marcondes -** Essa conferência não deverá tratar de temas relacionados às mudanças climáticas. A sociedade não deve esperar nada nessa direção. No entanto, podemos almejar uma maior consciência dos governos em relação às urgências de compromissos. Na medida em que os países conseguirem assumir compromissos de ampliar a governança socioambiental já será um sucesso.

**IHU On-Line - Qual a contribuição**

que a mídia pode dar para as questões que fundamentarão o debate da Rio+20? Como você avalia que a conferência está sendo tratada até então pela imprensa?

**Dal Marcondes** - A mídia tem um papel fundamental em relação a essa conferência. Apenas uma pequena parcela dos brasileiros sabe o que é a Rio+20 e para o que ela servirá. Portanto, os jornalistas e os meios de comunicação devem aprofundar as coberturas de forma a dar à sociedade uma visão mais abrangente sobre as pautas da Rio+20. Até agora a mídia ainda está tratando o tema de forma superficial e buscando pautas sensacionalistas. Será preciso melhorar muito a cobertura para que a sociedade brasileira possa acompanhar o evento. No entanto, uma conferência da ONU não é uma coisa fácil de se cobrir. Será preciso preparar equipes de profissionais com informações e dados para que consigam entender a dinâmica da Rio+20.

**IHU On-Line** - Como você avalia o jornalismo ambiental no Brasil hoje?

**Dal Marcondes** - O jornalismo brasileiro avançou muito na cobertura sobre meio ambiente nos últimos anos. Mas esse não é um tema fácil. Os profissionais que atuam nessa área precisam se qualificar e se preparar para entender a transversalidade das questões ambientais. Hoje a cobertura ambiental não está mais estrita a mídias segmentadas ou de militância. Já ganhou espaços nobres em meios de grande circulação, seja impresso, rádio e TV ou internet. É importante, no entanto, ter claro que o jornalismo ambiental, antes de qualquer coisa, é jornalismo. O ambiental é uma escolha de pau-

## “Será papel da diplomacia brasileira buscar construir os consensos necessários para que a Rio+20 não seja um fracasso”

tas e não uma militância. O jornalista deve tratar a pauta ambiental com o mesmo rigor jornalístico que trataria qualquer pauta.

**IHU On-Line** - Que novo modelo político e econômico pode surgir nos debates da Rio+20 como alternativa ao atual, que seja algo mais na linha do baixo carbono, por exemplo?

**Dal Marcondes** - O Programa de Meio Ambiente da ONU vai levar à Rio+20 a proposição de transformar a economia global em uma economia verde, que seja inclusiva, distributiva e capaz de reduzir as desigualdades tanto entre as pessoas como entre os países. Um compromisso dos governos em caminhar nessa direção pode ser um passo importante para a transformação da economia nos próximos anos.

**IHU On-Line** - Considerando as fontes alternativas de energia limpa, qual deve ser o papel do Brasil nos debates da Rio+20?

**Dal Marcondes** - O Brasil tem um papel fundamental na conferência, enquanto anfitrião. Será papel da diplomacia brasileira buscar construir os consensos necessários para que a Rio+20 não seja um fracasso. Também, enquanto o país com o melhor perfil em termos de energias limpas, ele deve ser um

exemplo e ajudar outras economias a criarem condições para a implantação de geração limpa. Nosso país detém conhecimento, tecnologia e capacidade empreendedora para difundir um modelo de energia de baixo carbono.

**IHU On-Line** - Quais as possíveis demandas que a sociedade em geral irá levar para a Rio+20?

**Dal Marcondes** - A sociedade tem muitas demandas, mas creio que as mais importantes estarão focadas em transparência e sistemas de governança para a transição para a economia verde. Será preciso manter a pressão sobre os países para garantir avanços. As organizações sociais devem tomar cuidado para não perder o foco. Um exemplo disso é que muita gente acha que essa conferência tem de oferecer um espaço para debates de temas que sequer estão na pauta, como as mudanças climáticas.

**IHU On-Line** - Como será a relação entre os países ricos e os emergentes na Conferência?

**Dal Marcondes** - Será uma relação difícil, de interesses diferentes, mas que deve ser trabalhada para que soluções e compromissos possam ser construídos. Com a atual crise internacional os países ricos já perceberam que não conseguem mais se manter em um mundo de unilateralismo. É preciso construir novas relações multilaterais capazes de dar ao planeta uma dinâmica de transformações. Sou otimista em relação à diplomacia e acredito na boa vontade dos homens. Não é fácil, mas não é impossível.

LEIA OS CADERNOS IHU IDEIAS NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR





## Rio+20: centrada no equilíbrio entre a sustentabilidade e a equidade

Enquanto a Rio-92 tratou de levantar objetivos e metas em relação ao planeta, a Rio+20 terá como missão pensar uma forma de implementá-los, compara Ladislau Dowbor

POR GRAZIELA WOLFART

**P**ara o economista Ladislau Dowbor, um ponto central da Rio+20 é “entender a articulação positiva que tem a busca de se reduzir as duas principais ameaças que temos pela frente: uma é ambiental e a outra é da desigualdade, que estão literalmente destruindo o planeta. Esses são os dois eixos de mudança”. Na entrevista a seguir, concedida à **IHU On-Line** por telefone, Dowbor defende que “para materializar na Rio+20 propostas concretas e factíveis, precisamos gerar compromissos concretos de cada país, criar planos de desenvolvimento sustentável que tracem metas e objetivos tal como se fez com as metas do milênio, para que cada país calcule no sentido de ver se estão sendo alcançadas ou não”.

Ladislau Dowbor é graduado em Economia Política pela Université de Lausanne (Suíça), com especialização em Planificação Nacional pela Escola Superior de Estatística e Planejamento, onde fez o mestrado em Economia Social e doutorado em Ciências Econômicas. Atualmente é professor na PUC-SP. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Que relação pode ser estabelecida entre o PIB e o nível de satisfação das pessoas?**

**Ladislau Dowbor** - Primeiro, devemos colocar “na mesa” o nosso objetivo geral: queremos viver melhor, ter mais qualidade de vida e de maneira sustentável, portanto, sem prejudicar as gerações futuras, mas também numa base de equidade, ou seja, que todos tenham direito a seu pão cotidiano, sempre de forma democrática, com liberdade de opções. Isso tem sido traduzido nos quatro pilares do processo, que são: um desenvolvimento que seja economicamente viável; socialmente justo; ambientalmente sustentável; e politicamente livre e participativo. Desses quatro pilares, o PIB mede apenas um, que é a questão econômica. Não estamos medindo, com o PIB, que tipo de impacto ambiental é provocado pela sociedade do petróleo, nem o grau democrático dos processos econômicos, coisa que está cada vez mais visível com as últimas pesquisas, que mostram o poder avassalador das gran-

des corporações transnacionais. O PIB não mede como se chega a resultados econômicos, em termos de possível truculência. Vejam o comportamento das grandes empresas farmacêuticas, ou das fábricas de agrotóxicos, por exemplo. O PIB não mede as dimensões social, ambiental e democrática dessa dinâmica.

**IHU On-Line - Como esse debate deve aparecer na Rio+20?**

**Ladislau Dowbor** - Essas diversas dimensões serão colocadas na Rio+20. O Relatório sobre o Desenvolvimento Humano 2011, que saiu recentemente, coloca com toda a clareza que a Rio+20 está centrada no equilíbrio entre a sustentabilidade e a equidade. As metodologias já estão praticamente disponíveis, por exemplo, a do cálculo de pegada ecológica<sup>1</sup>; as me-

<sup>1</sup> A expressão “Pegada ecológica” é uma tradução do Inglês *ecological footprint* e refere-se, em termos de divulgação ecológica, à quantidade de terra e água que seria necessária para sustentar as gerações atuais, tendo em conta todos os recursos materiais e energéticos gastos por uma determinada população. (Nota da

metodologias de segmento das mudanças climáticas e da medição dos casos de efeito estufa, por tipo de atividade, por país, etc.; a metodologia de segmento da concentração de renda, na linha do cálculo do coeficiente Gini<sup>2</sup>. Mas também estão chegando as metodologias do cálculo da concentração de riqueza acumulada. Porque há uma grande diferença entre renda e riqueza. A riqueza está incomparavelmente mais concentrada do que a renda. Pela primeira vez, temos uma análise do poder corporativo planetário<sup>3</sup>. Isso é

**IHU On-Line)**

<sup>2</sup> **Coeficiente de Gini:** medida de desigualdade desenvolvida pelo estatístico italiano Corrado Gini, em 1912. É comumente utilizada para calcular a desigualdade de distribuição de renda, mas pode ser usada para qualquer distribuição. Ele consiste em um número entre 0 e 1, onde 0 corresponde à completa igualdade de renda (onde todos têm a mesma renda) e 1 corresponde à completa desigualdade (onde uma pessoa tem toda a renda, e as demais nada têm). O índice de Gini é o coeficiente expresso em pontos percentuais (é igual ao coeficiente multiplicado por 100). (Nota da **IHU On-Line)**

<sup>3</sup> Sobre o tema, leia o artigo “A rede do poder corporativo mundial”, de autoria de Ladislau Dowbor, publicado no sítio do IHU em 24-11-

importante para a dimensão da democratização dos processos econômicos. Temos um conjunto de metodologias que foram desenvolvidas para o segmento das Oito Metas do Milênio<sup>4</sup>, que serve para medir o desenvolvimento, que se tornou complexo demais. Cada vez mais se trata de qualidade e menos de quantidade. A mudança nas medidas casa com a adequação do conjunto dos processos produtivos, não só produção fabril e agrícola, mas também educação, saúde e outros setores em função desses quatro pilares centrados na qualidade de vida das pessoas.

### **IHU On-Line - Quais os caminhos inovadores e desafiadores que a conferência das Nações Unidas no Rio de Janeiro precisa trilhar?**

**Ladislau Dowbor** - Um ponto central é entender a articulação positiva que tem a busca de se reduzir as duas principais ameaças que temos pela frente: uma é ambiental e a outra é da desigualdade, que estão literalmente destruindo o planeta. Esses são os dois eixos de mudança. A articulação das medidas é que está se tornando interessante em função do seguinte mecanismo: distribuindo a renda, gera-se uma dinâmica de consumo na base da sociedade. Trata-se de um consumo necessário, pois são pessoas privadas do essencial. Isso tem um impacto social evidente, além do impacto econômico, pois gera tanto mercado interno como a multiplicação de empreendedorismo individual, de pequenas atividades locais. Ao dinamizar a economia, por redistribuir a renda

2011 e disponível em <http://bit.ly/uNXCoY> (Nota da IHU On-Line)

**4 Objetivos de Desenvolvimento do Milênio:** acabar com a extrema pobreza e a fome, promover a igualdade entre os sexos, erradicar doenças que matam milhões e fomentar novas bases para o desenvolvimento sustentável dos povos são alguns dos oito objetivos da ONU apresentados na Declaração do Milênio, e que se pretendem alcançar até 2015. Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) surgem da Declaração do Milênio das Nações Unidas, adotada pelos 191 estados membros no dia 8 de setembro de 2000. Criada em um esforço para sintetizar acordos internacionais alcançados em várias cúpulas mundiais ao longo dos anos 90 (sobre meio-ambiente e desenvolvimento, direitos das mulheres, desenvolvimento social, racismo, etc.), a Declaração traz uma série de compromissos concretos que, se cumpridos nos prazos fixados, segundo os indicadores quantitativos que os acompanham, deverão melhorar o destino da humanidade neste século. (Nota da IHU On-Line)

e estimular a demanda, reduzem-se os impactos da crise financeira internacional. Esse processo envolve também os investimentos na área social: educação, saúde, cultura. É um tipo de consumo que melhora a qualidade de vida, torna as pessoas mais produtivas e não gera impactos ambientais negativos. Além disso, há outro impacto, cada vez mais aparente, que envolve a mudança tecnológica. Quando se passa de transporte individual, por meio de carro, para o transporte coletivo, por meio do metrô, à base de energia elétrica, reduzindo muito os impactos ambientais, gera-se um salto em termos de outra forma de utilizar a tecnologia. Isso estimula o desenvolvimento de novas tecnologias, o que nos obriga a dar uma guinada nas políticas tecnológicas. O problema das grandes cidades, como São Paulo, por exemplo, não é a falta de recurso, de dinheiro, mas é a falta de um processo decisório inteligente. O que diferencia a Eco-92 - o que apontamos como os grandes desafios climáticos do planeta (água, florestas, etc.) - em relação à Rio+20 é que esta vai estar mais centrada nas formas de governança. Nós temos problemas planetários, mas não temos instrumentos de governança que sejam planetários. Cada vez que aparece um problema juntamos um G-7, um G-8, um G-20 e daqui a pouco vamos inventar um G-194 para todos os países. Para materializar na Rio+20 propostas concretas e factíveis, precisamos gerar compromissos concretos de cada país, criar planos de desenvolvimento sustentável, que tracem metas e objetivos tal como se fez com as metas do milênio, para que cada país calcule no sentido de ver se estão sendo alcançadas ou não.

**IHU On-Line - Que balanço o senhor faz do que foi feito durante duas décadas com a Convenção do Clima e a Convenção da Biodiversidade estabelecidas na Eco-92?**

**Ladislau Dowbor** - A Eco-92, através da Agenda 21<sup>5</sup>, colocou em cena os ob-

**5 Agenda 21:** processo e instrumento de planejamento participativo para o desenvolvimento sustentável e que tem como eixo central a sustentabilidade, compatibilizando a conservação ambiental, a justiça social e o crescimento econômico. O documento é resultado de uma vasta consulta à população brasileira, sendo construída a partir das diretrizes da Agenda 21 global. (Nota da IHU On-Line)

jetivos gerais do planeta. Ela foi extremamente importante, essencialmente como um espaço de repercussão da problemática ambiental. Antes disso, as pessoas que falavam em meio ambiente eram categorizadas como “ecochatos”, como “ecofrescos”, e não se entendia o tamanho do drama que estamos enfrentando. Depois da Rio-92 as pessoas pararam de ver isso como algo ridículo. O meio ambiente ocupou seu espaço na consciência das pessoas. No entanto, não se geraram os mecanismos efetivos de implementação, porque se tentou fazer metas planetárias quando não há um governo planetário e o sistema multilateral existente (ONU, Banco Mundial...) não tem essa capacidade de pressionar pela implementação. Então, apesar de alguns avanços do IPCC<sup>6</sup> e dos acordos de Kyoto, temos uma estagnação. Por isso afirmo que, enquanto a Rio-92 colocou os grandes objetivos, a Rio+20 será essencialmente a discussão de como eles serão implementados.

**IHU On-Line - Em que sentido a Rio+20 pode ser um marco na economia verde que o mundo começa a perseguir? E como o Brasil pode se inserir na ideia de economia verde?**

**Ladislau Dowbor** - Primeiro, o conceito de economia verde é escorregadio, porque puxa muito para o ambiental e insuficientemente para a dimensão social, de reorganização econômica. Há certa tensão, nesse sentido, e a visão progressista nesse processo está buscando que se defina claramente o equilíbrio entre o que é a problemática ambiental e o que é a problemática social, em particular a questão da desigualdade. Esse reequilibrar da dimensão social com a dimensão ambiental é muito forte, e nessa conferência vai estar muito mais presente. O verde sozinho é, francamente, insuficiente.

**6 Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (IPCC):** órgão das Nações Unidas responsável por produzir informações científicas em três relatórios que são divulgados periodicamente desde 1988. Os relatórios são baseados na revisão de pesquisas de 2500 cientistas de todo o mundo. O documento divulgado pelo IPCC em fevereiro de 2007 afirmou que os homens são os responsáveis pelo aquecimento global. Sobre o tema, a IHU On-Line 215 produziu uma edição especial, intitulada *Estamos no mesmo barco. E com enjôo. Anotações sobre o relatório do IPCC*. (Nota da IHU On-Line)

## “Devemos erradicar a pobreza e manter nossas florestas em pé”

“Dependendo do enfoque, os temas propostos na Rio+20 podem ser mais uma cortina de fumaça nas soluções dos problemas de fundo, ocasionados pela crise ambiental planetária”, aponta o integrante da Coordenação da Rede Brasileira de Integração dos Povos - Rebrip, Pedro Ivo de Souza Batista.

POR PATRICIA FACHIN

“Os temas colocados pela ONU para essa Conferência demonstram um processo de recuo no enfrentamento dos problemas globais da crise ambiental planetária”, diz Pedro Ivo de Souza Batista, ao avaliar a agenda de discussões da Rio+20, que acontecerá no próximo ano. Crítico ao tema principal do encontro, ele diz que a discussão central deveria questionar o “o modelo de desenvolvimento e nele pensar a economia, as questões sociais, as questões ambientais de forma integrada”. “Em lugar disso, o centro do debate será a economia verde no contexto da erradicação da pobreza e governança mundial, proporcionando um enfoque bastante limitado e com grande risco do debate concentrar-se em saídas para o grande capital”, reitera.

Na avaliação de Batista, a discussão sobre o crescimento econômico não pode ser linear porque cada país deve levar em consideração a sua realidade conjuntural. “Em muitas partes do globo precisamos enfrentar desafios relacionados à pobreza e ao baixo consumo, mas, em outras partes, o desafio é diminuir o consumismo e um estilo de vida insustentável. Por isso o Brasil não pode copiar os modelos de desenvolvimento depredador hegemônico e o mundo não pode copiar o modelo de desenvolvimento dos EUA, do Japão e de certos países da Europa, já que não haveria planeta suficiente para comportar esses modelos”, propõe, em entrevista concedida à IHU On-Line por e-mail.

Pedro Ivo de Souza Batista também comenta as alterações do novo texto do Código Florestal e enfatiza: “Se a presidente não vetar os principais artigos incluídos pelo Congresso Nacional, os quais prejudicam o país e as nossas florestas, a posição brasileira ficará extremamente fragilizada no debate internacional e a Conferência da ONU se transformará, no mínimo, em Rio ‘menos’ 20”.

Pedro Ivo de Souza Batista é membro da Associação Alternativa Terrazul, integrante da equipe de coordenação da Rede Brasileira de Integração dos Povos - Rebrip e do Grupo Articulador do Comitê Facilitador da Sociedade Civil para a Rio+20. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Quem integra o Comitê Facilitador da Sociedade Civil - CFSC Rio+20 e a Cúpula dos Povos na Rio+20? Quais são os objetivos desses grupos?**

**Pedro Ivo de Souza Batista** - O Comitê Facilitador da Sociedade Civil - CFSC é um espaço plural de participação dos movimentos sociais e organizações brasileiras. Ele está aberto à adesão de entidades que desejam participar do processo da Conferência Rio+20 e seu objetivo é facilitar, mobilizar e animar

a cidadania, construindo posições que tenham a justiça social e ambiental como centro político. O processo da Conferência Rio+20 envolve principalmente dois momentos importantes: a própria Conferência Oficial da ONU e a Conferência da Sociedade Civil denominada Cúpula dos Povos por Justiça Social e Ambiental.

A Cúpula se realizará entres os dias 15 e 23 de junho, no Rio de Janeiro, e está sendo convocada pelo Comitê Facilitador e por várias organizações

internacionais. Ela será um espaço exclusivo da sociedade civil e dos cidadãos e cidadãs que desejam contribuir para que a Rio+20 tenha posições mais próximas dos anseios populares.

O Comitê Facilitador tem um Grupo de Articulação composto por aproximadamente 20 movimentos e redes nacionais que aglutina organizações ambientalistas, indígenas, feministas, ecumênicas, sindicais, de integração regional, de negros, de jovens, de direitos humanos, de economia soli-



dária, entre outros. (Detalhes no site [www.cupuladospovos.org.br](http://www.cupuladospovos.org.br).)

**IHU On-Line - Que avaliação faz da agenda de discussões que está sendo proposta para a Rio+20? Temas de interesse dos povos serão tratados na conferência?**

**Pedro Ivo de Souza Batista** - Infelizmente, os temas colocados pela ONU para essa conferência demonstram um processo de recuo no enfrentamento dos problemas globais da crise ambiental planetária. A sensação que tenho é que de conferência em conferência, vai-se diminuindo o alcance da pauta para que as posições sejam cada vez mais distantes dos interesses populares. Seria muito importante discutirmos nessa oportunidade o modelo de produção e consumo e o que se pode fazer para mudar a tendência destrutiva do atual desenvolvimento. Seria fundamental discutir os impasses do último período de negociações dos chamados ciclos sociais e ambientais das conferências da ONU. Seria de igual importância que ONU patrocinasse uma discussão de alto nível para enfrentar a crise climática, a perda de biodiversidade, a falta de justiça socioambiental e direitos humanos, principalmente para as populações mais pobres e vulneráveis.

Em lugar disso, o centro do debate será a economia verde no contexto da erradicação da pobreza e governança mundial, proporcionando um enfoque bastante limitado e com grande risco do debate concentrar-se em saídas para o grande capital. Mesmo com essas limitações, a sociedade civil fará o bom combate e tentará influenciar para que os acordos sejam progressistas. Por isso que a Cúpula dos Povos terá como centro a justiça social e ambiental; afinal, para a maioria das populações do mundo a crise ambiental planetária implica em tirar-lhes direitos e territórios, destruindo ainda mais a natureza. Essa realidade não pode ser omitida em função de uma genérica discussão sobre economia verde.

**IHU On-Line - Em que consiste uma reintegração dos povos?**

**Pedro Ivo de Souza Batista** - Na proposta de globalização que os donos do

**“A sensação que tenho é que de conferência em conferência, vai-se diminuindo o alcance da pauta para que as posições sejam cada vez mais distantes dos interesses populares”**

mundo vêm impondo à sociedade, percebe-se que se trata de uma globalização dos mercados com forte tendência à exclusão social. Nesse sentido, organizações e movimentos sociais de todo o mundo se opuseram a esse processo. No bojo desse processo surgiram várias redes e alianças dos movimentos sociais e organizações civis para propor outra forma de globalização que integrasse os povos numa perspectiva mais ampla, buscando não somente a relação econômica, mas também a integração social, cultural, trabalhista, etc.

No Brasil, a Rede Brasileira de Integração dos Povos - Rebrip formou-se com esse objetivo e, em parceria com outras redes semelhantes nas Américas, constitui a Aliança Social Continental. Essas novas organizações foram fundamentais para se contrapor aos modelos globalizantes neoliberais, como a Aliança do Livre Comércio das Américas - Alca, alternativas inclusivas e sob a lógica da sociedade civil. No decorrer do processo, essas redes foram incorporando à defesa por justiça ambiental como um dos elementos dessa luta internacional e estão, cada vez mais, presentes nas lutas socioambientais.

**IHU On-Line - Entre os temas centrais da Rio+20, está o debate sobre o desenvolvimento da economia verde como alternativa à pobreza. Quais são hoje os limites de se discutir a economia verde, considerando todos os mecanismos financeiros em relação às questões ambientais? É possível tratar de uma economia verde e desenvolvimento sustentável?**

**Pedro Ivo de Souza Batista** - Como acen-

tuei antes, vejo problemas na discussão de economia verde para erradicação da pobreza. Penso que deveríamos discutir o modelo de desenvolvimento e nele pensar a economia, as questões sociais, as questões ambientais de forma integrada. Da forma como isso está sendo discutido, podemos ter soluções altamente falaciosas. Parte do agronegócio afirma que plantar soja é economia verde. Outros imaginam que plantação de monocultura de eucaliptos é também economia verde; muitos querem discutir mecanismos financeiros dissociados dos direitos das populações e, assim, conquistar mais financiamento para as grandes empresas, excluindo as comunidades que já fazem produção sustentável, gerando, por fim, mais desigualdade e pobreza.

Também o debate da pobreza não é simples, porque ele não pode ser dissociado do modelo de desenvolvimento. A hidrelétrica de Belo Monte, por exemplo, é uma das grandes obras que o governo brasileiro impulsiona, utilizando como justificativa a necessidade de o país crescer e erradicar a pobreza. Mas o fato é que devemos erradicar a pobreza e manter nossas florestas em pé. Por isso que deveríamos estar discutindo o modelo global de desenvolvimento, discutindo que o “crescimento” não pode ser linear, pois em muitas partes do globo precisamos enfrentar desafios relacionados à pobreza e ao baixo consumo, mas, em outras partes, o desafio é diminuir o consumismo e um estilo de vida insustentável. Por isso o Brasil não pode copiar os modelos de desenvolvimento depredador hegemônico e o mundo não pode copiar o modelo de desenvolvimento dos EUA, do Japão e de certos países da Europa, já que não haveria planeta suficiente para comportar esses modelos. A discussão é muito mais complexa e precisa de muito mais compromisso e responsabilidade global para reverter a gravidade da situação. O caso do aquecimento global, por exemplo, muitos estão tratando como uma nova oportunidade de ganhar dinheiro. O fato é que a emissão de gases não só não diminuiu, mas também teve crescimento recorde em 2011.

**IHU On-Line - Qual a necessidade de aproximar a temática ambiental das discussões**

socioeconômicas?

**Pedro Ivo de Souza Batista** - Não se trata de aproximar, mas sim de integrar esses temas: ecologia e economia. Eles jamais deveriam ser separados. O pensamento dominante assim o fez para melhor reproduzir o sistema e, em certa medida, por desconhecimento das inter-relações entre as duas áreas. Hoje, com os avanços da ciência moderna, não podemos mais ignorar que as soluções para os graves problemas incluem uma nova forma de pensar, um novo paradigma, uma visão sustentável que integre as diversas dimensões, tais como a econômica, social, política, ambiental, cultural, ética e estética.

**IHU On-Line - Entre os temas a serem discutidos na Rio+20, qual agenda é mais urgente?**

**Pedro Ivo de Souza Batista** - Dependendo do enfoque, os temas propostos na Rio+20 podem ser mais uma cortina de fumaça nas soluções dos problemas de fundo, ocasionados pela crise ambiental planetária. Mesmo assim, deveríamos nos concentrar em avanços concretos em relação às mudanças climáticas - pela urgência e gravidade do problema - e pensar a discussão da arquitetura global como uma oportunidade. Desse modo, defendo que a Conferência possa aprovar a criação de um órgão mundial para o desenvolvimento, com peso político e recursos necessários para ajudar no enfrentamento dos problemas ambientais globais. Algo que tenha peso na área da sustentabilidade, como a Organização Mundial do Comércio - OMC tem em sua área. Fortalecer o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente - PNUMA não é suficiente, apesar de todas as contribuições desse órgão. A luta para enfrentar a crise ambiental planetária deve ganhar um órgão com força e poder político para dar à agenda da sustentabilidade a centralidade que ela merece.

**IHU On-Line - Como vê a posição do Brasil em expandir as hidrelétricas e desconsiderar a consulta prévia aos povos indígenas no caso de Belo Monte, por exemplo?**

**Pedro Ivo de Souza Batista** - O Brasil tem tido, até agora uma posição progressista no debate mundial. O fato de ter conseguido diminuir o desmatamen-

**“Se a presidente não vetar os principais artigos incluídos pelo Congresso Nacional, a posição brasileira ficará fragilizada e a Conferência da ONU se transformará, no mínimo, em Rio “menos” 20, em lugar de Rio “mais” 20”**

to, ter assumido metas para a diminuição do aquecimento e ter avançado na demarcação das terras indígenas, coloca nosso país na vanguarda da discussão sobre desenvolvimento sustentável. Todavia, nesse último período, vemos uma tentativa enorme de retrocesso na política ambiental brasileira, como fortes indícios do aprofundamento do modelo desenvolvimentista insustentável. Belo Monte se enquadra nessa lógica e, como modelo de hidrelétrica, ela já demonstra ser equivocada; o fato de fazer isso, sem consulta prévia aos povos indígenas, só agrava o problema. Infelizmente o retrocesso não para por aí: estamos vendo a simplificação do licenciamento ambiental para grandes obras, tentativas de barrar novas demarcações em terra indígena e uma diminuição na criação de Unidades de Conservação.

**IHUOn-Line-Quais sua avaliação, os principais impasses do novo texto do Código Florestal?**

**Pedro Ivo de Souza Batista** - Sou de opinião que não era necessário termos um novo Código Florestal. Tenho forte convicção que uma atualização e uma mo-

dernização do Código vigente poderiam ser feito no âmbito do Conselho Nacional do Meio Ambiente - Conama, ou por iniciativa do Executivo. Na verdade, as mudanças que estão sendo introduzidas foram provocadas não pela ineficiência do Código, mas porque a partir de 2008 ele vem sendo aplicado de forma mais efetiva, tanto que tivemos queda no desmatamento, prisão de infratores e milhões em multas, com desarticulação de quadrilhas que viviam do comércio ilegal de madeira na Amazônia.

Assim, essas mudanças que estão sendo feitas no Congresso Nacional são para beneficiar os infratores e “legalizar” o delito. Elas não vão melhorar a aplicação do Código e não são frutos de um consenso que beneficiará o povo brasileiro e protegerá as florestas, tal como insistem seus relatores, os senadores Jorge Viana e Luís Henrique. As alterações do Código beneficiarão principalmente o seguimento mais atrasado dos produtores brasileiros, que é o agronegócio. Em função disso, serão sacrificados o interesse nacional, as populações que vivem nas e das florestas e a nossa rica biodiversidade, sem falar nas graves consequências para o nosso clima e para o meio ambiente brasileiro.

Apesar de algumas melhorias pontuais incluídas no Senado em relação à Câmara dos Deputados, o Código continua favorecendo os desmatadores, promovendo a anistia, diminuindo áreas de reserva legal e Áreas de Proteção Permanente - APPs, favorecendo novos desmatamentos, além de instituir a farra do camarão em cativeiro, quando transforma a aquicultura em atividade de utilidade pública, entre mais de 39 pontos críticos observados pelo Comitê em Defesa das Florestas (<http://www.comiteflorestas.org.br>).

Se esse código for sancionado pela presidente Dilma Rousseff na forma como está, teremos um retrocesso histórico e de difícil reversão. Se a presidente não vetar os principais artigos incluídos pelo Congresso Nacional, os quais prejudicam o país e as nossas florestas, a posição brasileira ficará extremamente fragilizada no debate internacional e a Conferência da ONU se transformará, no mínimo, em Rio “menos” 20, em lugar de Rio “mais” 20.



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# B.

## Destques da Semana

# Entrevista da Semana

## Os rumos do capitalismo global: locomotivas voltam para os trilhos, vagões descarrilam

Crises econômicas têm quatro manifestações distintas: real, financeira, fiscal e cambial. No médio prazo os EUA e países desenvolvidos da Europa devem sair da crise. Já o Brasil será atingido se não houver mudanças significativas na estratégia e política econômicas

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES

“O cenário mais provável é que os Estados Unidos e os principais países desenvolvidos da Europa saiam da crise atual no médio prazo. O Brasil, porém, tende a ser atingido pela crise se não ocorrerem mudanças significativas na estratégia e na política econômicas”. A previsão é do economista Reinaldo Gonçalves, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Segundo ele, as “crises no capitalismo também ocorrem porque a ânsia de riqueza e renda (fenômeno também chamado de ‘espírito animal’ do capitalista) gera variações extraordinárias de preços de bens (petróleo e outros), moedas (dólar, euro, etc.) e ativos financeiros (ações e outros) e reais (exemplo, imóveis)”.

Reinaldo Gonçalves é formado em Economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Obteve o título de mestre em Economia, pela Fundação Getúlio Vargas - FGV-RJ, e de doutor em Letters and Social Sciences pela University of Reading, na Inglaterra. Atualmente leciona na UFRJ. É autor de *Economia internacional. Teoria e experiência brasileira* (Rio de Janeiro: Elsevier, 2004) e *Economia política internacional. Fundamentos teóricos e as relações internacionais do Brasil* (Rio de Janeiro: Elsevier, 2005). Publicou também com Luís Filgueiras, o livro *A economia política do governo Lula* (Rio de Janeiro: Contraponto, 2007). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Quais são as perspectivas para o Brasil frente a crise econômica?**

**Reinaldo Gonçalves** - Há risco crescente de que o número de países atingidos por crises econômicas aumente. No entanto, o cenário mais provável é que os Estados Unidos e os principais países desenvolvidos da Europa saiam da crise atual no médio prazo. O Brasil, porém, tende a ser atingido pela crise se não ocorrerem mudanças significativas na estratégia e na política econômicas. Assim, o cenário atual parece indicar que as locomotivas voltarão para os trilhos e o vagão de terceira classe descarrilará mais uma vez.

**IHU On-Line - Por que ocorrem essas crises no capitalismo reiteradamente? Isso aponta para o esgotamento desse sistema?**

**Reinaldo Gonçalves** - Crise é a irmã mais nova da instabilidade. Ela é filha natural do capitalismo. Instabilidade, no capitalismo, significa alternância de situações de prosperidade e crise. Os economistas chamam de fases esses fenômenos - ascendentes e descendente - do ciclo econômico. Na fase descendente, surge a crise econômica, que é a perda ou risco crescente de perda de renda e bem-estar por parte de parcela expressiva da sociedade. Crise, portanto, é fase difícil ou grave da evolução dos processos, estruturas e relações econômicas.

Há crise real quando o processo de geração de renda e emprego apresenta significativa desaceleração ou retrocesso (recessão). Há crise financeira quando as estruturas de financiamento de indivíduos e empresas são rompidas ou não funcionam de modo adequa-

do. Isto é, ocorrem problemas graves nos bancos e mercado de capitais. Há crise fiscal quando o governo tem dificuldade para expandir a dívida pública (mercado de títulos públicos). Há crise cambial ou de contas externas quando relações comerciais e financeiras com outros países são restringidas, o que impede a geração de renda no país e o financiamento dos gastos no exterior.

Crises no capitalismo também ocorrem porque a ânsia de riqueza e renda (fenômeno também chamado de “espírito animal” do capitalista) gera variações extraordinárias de preços de bens (petróleo e outros), moedas (dólar, euro, etc.) e ativos financeiros (ações e outros) e reais (exemplo, imóveis). O aumento extraordinário de preços é conhecido como formação de “bolhas”. O resultado da especulação é que as “bolhas” explodem quando há



reversão de expectativas e, nesse momento, há eclosão de crise. Riquezas desaparecem de um dia para outro. Os que perderam riqueza contraem seus gastos, os endividados quebram, os trabalhadores são demitidos e o lucro do capitalista desaparece.

**IHU On-Line - Quais são os motivos que levaram a essa crise econômica internacional? Em termos gerais, o que causa as crises dessa natureza?**

**Reinaldo Gonçalves** - A principal causa da atual crise econômica internacional é a ruptura do sistema de financiamento de imóveis nos Estados Unidos em 2007 e 2008. Nesse país houve ampla oferta de financiamento para a compra de imóveis, inclusive para aqueles sem poupança ou renda adequadas (crédito *subprime*, ou grande risco de crédito). A onda de inadimplência - calote - levou à queda dos preços dos imóveis (38% entre junho de 2006 e junho de 2011) e à quebra de parte do sistema financeiro da maior economia do mundo em 2008 e 2009.

Entretanto, crises econômicas também são causadas por erros de política de governo que, em geral, atendem grupos de interesses capitalistas. Houve avanço significativo de liberalização e desregulamentação financeira mundial nas duas últimas décadas. Esse processo implicou crescimento extraordinário dos fluxos internacionais de capitais, e isso interconectou os diversos sistemas financeiros nacionais. Com essa interdependência, problemas graves em um país importante como os Estados Unidos são transmitidos para o resto do mundo. Portanto, vários governos erraram quando tomaram decisões que promoveram essa liberalização financeira internacional.

Governos também erram quando estimulam uma expansão extraordinária do crédito e, portanto, do endividamento de indivíduos e empresas. Ou quando elevam a dívida pública para níveis insustentáveis. Ou ainda quando deixam em níveis inadequados, por muito tempo, variáveis macroeconômicas fundamentais, como taxa de juro e taxa de câmbio. Os governos dos Estados Unidos, de países da Europa e do Brasil cometeram esses erros nos últimos anos - se não todos, ao menos alguns.

## “Há crise real quando o processo de geração de renda e emprego apresenta significativa desaceleração ou retrocesso (recessão)”

Evidentemente, há outras causas de crises econômicas que não são próprias do capitalismo. É o caso dos desastres naturais. Quebras de produção agrícola, terremotos, maremotos e guerras ocorrem em qualquer sistema econômico. Para ilustrar, basta lembrar que o Japão deve sofrer queda de renda em decorrência do terremoto e do tsunami ocorridos em março de 2011.

**IHU On-Line - Há diferentes tipos de crises econômicas? Quais são suas características?**

**Reinaldo Gonçalves** - Crises econômicas têm quatro manifestações distintas: real, financeira, fiscal e cambial. A grande maioria das crises capitalistas são crises reais, ou seja, resultam da volatilidade do comportamento dos capitalistas quanto às decisões de investimento produtivo. Há crise real quando a redução dos investimentos trava a geração de renda e emprego. Também há a crise financeira, como a que aconteceu nos Estados Unidos em 2008 e resultou da quebra do mercado *subprime* de imóveis. A crise financeira gerou crise real: a taxa de desemprego praticamente dobrou nos últimos cinco anos naquele país, e está previsto franco desempenho econômico em 2011 e 2012.

A crise fiscal se manifesta quando o governo tem dificuldade para financiar seus gastos, em função do elevado nível de endividamento público, entre outros fatores. A crise atual na Europa é marcada pela grande dificuldade que governos de países como Grécia, Portugal e Irlanda enfrentam para pagar sua

dívida pública e obter novos empréstimos. Em geral, a crise fiscal é precedida por crescimento extraordinário dos gastos públicos, seja para financiar infraestrutura (como as obras das Olimpíadas em Atenas, na Grécia, em 2004), seja para enfrentar crises financeiras e crises reais (o que ocorreu a partir de 2008).

Os países em desenvolvimento sofrem, em particular, crise cambial. Nesse caso, ocorre o problema de dificuldade de obtenção de financiamento externo, que provoca elevação extraordinária da taxa de câmbio (desvalorizando a moeda nacional). Isso ocorreu no Brasil no segundo semestre de 2008, logo após a eclosão da crise financeira nos Estados Unidos: a taxa de câmbio (valor do dólar) saltou de R\$ 1,70 em julho para mais de R\$ 2,50 em dezembro. Em consequência, grandes empresas (Sadia e Aracruz) e bancos (Unibanco e Votorantim) tiveram sérios problemas, que resultaram em fusões e aquisições. As crises cambial e financeira provocaram crise real, visto que a renda *per capita* brasileira caiu 1,8% em 2009.

Nos países desenvolvidos, a situação atual é de séria crise econômica. Na Europa, há desaceleração do crescimento da renda e, portanto, risco de crise real ainda maior no futuro próximo. Os índices de desemprego estão muito elevados em inúmeros países. Há séria crise fiscal com altos níveis de endividamento público. Há ainda riscos quanto à saúde do sistema financeiro: os bancos estão muito expostos, porque emprestaram muito para indivíduos, empresas e governos que agora estão com dificuldades para saldar seus compromissos.

### **Crise real**

Nos Estados Unidos, há crise real com forte perda de confiança e, portanto, expectativas desfavoráveis que comprometem o investimento privado e a geração de emprego. Também se prevê desaceleração do crescimento econômico naquele país. Há ainda problemas remanescentes da crise do *subprime* hipotecário, pois as dívidas de hipotecas imobiliárias que foram renegociadas ainda podem se transformar em calote. E as dificuldades do governo em relação ao endividamento

público têm sido crescentes. Portanto, Estados Unidos e Europa combinam elementos de crise real, financeira e fiscal. O Japão, por sua vez, é o país desenvolvido com maior nível relativo de endividamento público.

Nos países emergentes, a situação é bastante diferente, embora existam fatores comuns, como os riscos decorrentes da desaceleração do comércio internacional e da volatilidade dos fluxos financeiros internacionais. Países como a China, de um lado, protegem-se com elevados níveis de competitividade internacional e baixa dependência em relação a recursos financeiros externos. De outro lado, no Brasil esses riscos são particularmente elevados, porque o país depende significativamente da exportação de produtos básicos (minério de ferro, carne, soja e outros) e da captação de recursos externos para sustentar seu crescente e elevado déficit nas contas externas (as transações comerciais, de serviços e financeiras com os outros países). Ou seja, as despesas do Brasil em moedas estrangeiras são maiores do que as suas receitas. Em 2010 o país precisou captar 48 bilhões de dólares para fechar suas contas externas. Em 2011 este “buraco” pode superar 55 bilhões. Portanto, há crescente risco de crise cambial, que tende a causar crises financeira, real e fiscal.

**IHU On-Line - Qual é o cenário mais provável a médio prazo para os Estados Unidos e a Europa? Que meios de superação estão sendo pensados?**

**Reinaldo Gonçalves** - Se, por um lado, é certo que instabilidade e crise são próprias ao capitalismo, também é verdadeiro que esse sistema econômico desenvolveu mecanismos para superar crises. Por esta e outras razões, o capitalismo, marcado por desperdí-

cio, injustiça e instabilidade, sobrevive e avança há séculos. Nos últimos três anos, os principais países desenvolvidos perderam graus de liberdade na aplicação de políticas macroeconômicas convencionais (redução de juros e aumento de gastos públicos). Entretanto, esses países dispõem de pelo menos quatro instrumentos de grande impacto na economia: progresso técnico, competitividade internacional, distribuição de renda e guerra. Portanto, pode-se prever, de modo otimista, que os principais países capitalistas retomarão a fase ascendente em médio prazo (de dois a três anos). Este argumento aplica-se às principais economias capitalistas do mundo (EUA, Alemanha, França e Japão). É bem verdade que economias pouco importantes (Grécia, Portugal, etc.) continuarão em crise.

O progresso técnico implica aumento de produtividade e lançamento de novos produtos, que elevam a massa de lucros. Há, então, estímulo para os investimentos dos capitalistas. A competitividade internacional permite vender mais produtos no mercado internacional. A guerra impulsiona os gastos bélicos e, portanto, a geração de renda e emprego, além de estimular o progresso tecnológico. Nesse sentido, Afeganistão, Iraque e Líbia são oportunidades extraordinárias, além de outras que podem ser criadas (Paquistão, Irã, Síria, etc.). E o processo de distribuição de riqueza e renda gera ampliação do consumo dos trabalhadores. Entretanto, é pouco provável que ocorra este processo no horizonte previsível. Muito pelo contrário, parte expressiva do ajuste frente às crises deve recair sobre os grupos de menor renda.

Países em desenvolvimento, como o Brasil, em geral não dispõem desses instrumentos. A exceção é a distribui-

ção de renda com base em políticas assistencialistas, benefícios da previdência e salário mínimo, que levam a aumento do consumo. O Brasil, além disso, apresenta crescente déficit nas contas externas e elevado passivo externo (o montante aplicado no país por estrangeiros é quatro vezes maior que as reservas internacionais brasileiras). Portanto, o país está preso a uma trajetória de crescente risco de crise cambial que, invariavelmente, resulta em crises real, financeira e fiscal.

Em síntese, o cenário mais provável no médio prazo é, de um lado, os Estados Unidos e países europeus importantes saírem da crise. De outro, se não houver mudanças significativas de estratégias e política, o Brasil, país marcado por enormes fragilidades e vulnerabilidades, tende a sofrer crise cambial e afundar em crises de todos os tipos. As locomotivas voltam para os trilhos e o vagão de 3ª classe descarrila mais uma vez.

### LEIA MAIS...

Reinaldo Gonçalves já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line:

- \* “Pobre Brasil! Durante muito tempo ficaremos sem transformações estruturais”. Edição 356 da Revista IHU On-Line, de 04-04-2011, disponível em <http://bit.ly/gzTP9d>;
- “O capitalismo é essencialmente um sistema irracional, instável e injusto”. Edição 287 da Revista IHU On-Line, de 30-03-2009, disponível em <http://migre.me/4a4X1>;
- Reprimarização faz economia brasileira retroceder. Edição 338, de 09-08-2010 da Revista IHU On-Line, disponível em <http://migre.me/4a4ZK>;
- Fracasso para o governo, vitória para o povo brasileiro. Entrevista publicada em 02-08-2008 da Revista IHU On-Line, disponível em <http://migre.me/4a4Ub>;
- “O governo Lula foi um fracasso rotundo”. Edição 201, de 26-10-2006 da Revista IHU On-Line, disponível em <http://migre.me/4a52j>.

Acesse a página do IHU no Facebook em  
[www.facebook.com/InstitutoHumanitasUnisinos](http://www.facebook.com/InstitutoHumanitasUnisinos)

facebook

Configurações



**Instituto Humanitas Unisinos**

Mídia/Notícias/Publicidade · São Leopoldo · Editar informações

Editar página



Administradores (1) [?]

Ver todos

# Livro da Semana

TOLSTOI, Leon. Guerra e paz. São Paulo: Cosac Naify, 2011  
DOSTOIÉVSKI, Fiódor. O duplo. São Paulo: Editora 34, 2011

GOMIDE, Bruno (Org). Nova antologia do conto russo (1792-1998). São Paulo: Editora 34, 2011

## Dostoiévski e Tolstoi: exacerbação e estranhamento

Dostoiévski reconstrói depois da experiência do mal, Tolstói diseca para expor a voz da consciência, pondera Aurora Bernardini. Em Dostoiévski, o traço fundamental de sua obra é a exacerbação, e em Tolstoi, o estranhamento

POR MÁRCIA JUNGES

**A**cabam de ser traduzidas do russo para o português as obras *Guerra e Paz*, de Tolstoi, *O duplo*, de Dostoiévski, e Nova antologia do conto russo (1792-1998). Na opinião da crítica literária Aurora Bernardini, “a tradução indireta é hoje quase inadmissível. A não ser que o tradutor escreva uma outra obra”. Enquanto o traço característico fundamental dos escritos dostoiévskianos é a exacerbação, em Tolstói isso não existe: “Ele consegue o estranhamento (considerado um de seus traços fundamentais) por outras vias e no sentido em que o os formalistas russos o vêem: capaz de fazer com que as coisas sejam vistas sob uma luz diferente, como que ‘pela primeira vez’”.

Bernardini é graduada em Letras - Língua e Literatura Inglesa, mestre em Letras - Língua e Literatura Italiana, doutora em Literatura Brasileira e livre-docente em Literatura Russa pela Universidade de São Paulo - USP, onde leciona. Traduziu, com Haroldo de Campos, poemas de Giuseppe Ungaretti em *Daquela estrela à outra* (São Paulo: Ateliê, 2003) e de Marina Tsvetáieva em *Indícios flutuantes* (São Paulo: Martins Fontes, 2006). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Acabam de ser traduzidas diretamente do russo ao português Guerra e Paz, de Tolstoi<sup>1</sup>, O duplo, de Dostoiévski<sup>2</sup>, e Nova an-**

**1** Liev Tolstoi (1928-1910): escritor russo de grande influência na literatura e na política do seu país. Teve uma importante influência no desenvolvimento do pensamento anarquista e, concretamente, considera-se que era um cristão libertário. Suas obras mais famosas são *Gruerra e Paz*, de 1865, onde ele descreve dezenas de diferentes personagens durante a invasão napoleônica de 1812; e *Anna Karenina*, de 1875, que traz a história de uma mulher presa nas convenções sociais e um proprietário de terras (reflexo do próprio Tolstoi), que tenta melhorar a vida de seus servos. (Nota da IHU On-Line)

**2** Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O Idiota*, *Os Demônios* e *Os Irmãos Karamázov*. A esse autor a IHU On-Line edição 195, de 11-9-2006 dedicou a matéria de capa, intitulada *Dostoiévski. Pelos subterrâneos do*

*tologia do conto russo (1792-1995)*, coordenada por Bruno Gomide. O que essas traduções trazem de novidade sobre a literatura russa considerando que são vertidas do original?

**Aurora Bernardini** - Em primeiro lugar, são apresentadas ao público brasileiro obras de autores importantes e desconhecidos, aqui: Karamzin<sup>3</sup>, Odoévski, Platónov<sup>4</sup>, Chalámov<sup>5</sup>, entre eles; de *ser humano*, disponível em <http://migre.me/gQUA>. (Nota da IHU On-Line)

**3** Nikolai Mikhailovich Karamzin (1766-1826): historiador, escritor, poeta russo, membro da Academia das Ciências de São Petersburgo (1818). Criador da *História do Estado Russo*, uma das primeiras obras históricas e uma das mais pormenorizadas do seu tempo. (Nota da IHU On-Line)

**4** Andrei Platonov (1899-1951): autor russo cujos escritos antecipam o existencialismo. (Nota da IHU On-Line)

**5** Varlam Tikhonovich Shalamov (1907-1982): escritor russo, jornalista, poeta, dissidente

autores conhecidos, obras de gênero diferente (de quem se conhecia romance, contos); de autores traduzidos indiretamente, obras em tradução direta. A introdução de Bruno Gomide<sup>6</sup> ao livro mencionado explica muito bem os critérios e os possíveis méritos das escolhas.

**IHU On-Line - Qual é a importância**

político, prisioneiro político, e sobrevivente do Gulag. (Nota da IHU On-Line)

**6** Bruno Gomide: historiador graduado pela Universidade Federal Fluminense (UFF), especialista em Teoria da Literatura pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). É doutor pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) com a tese *Da estepe à caatinga: o romance russo no Brasil (1887-1936)*. (São Paulo: Edusp, 2011). Leciona no departamento de línguas orientais na Universidade de São Paulo (USP). (Nota da IHU On-Line)



e diferença de se ler uma tradução feita direito do original?

**Aurora Bernardini** - A tradução indireta é hoje quase inadmissível. A não ser que o tradutor escreva uma outra obra. Este foi o caso jocoso que contou Ricardo Piglia<sup>7</sup> num evento recente na Livraria Cultura, em São Paulo: um escritor chinês, que não conhecia espanhol, ouviu a tradução oral em chinês do Dom Quixote<sup>8</sup>, de um tradutor que não sabia escrever chinês. A partir daí o escritor escreveu um novo Dom Quixote em chinês que - espera Piglia - quem sabe venha a ser retraduzido para o espanhol. Ele está curiosíssimo e o caso é verdadeiro.

Mesmo em se tratando de tradução direta, ninguém garante que o êxito será positivo. Há uma série de considerações a respeito, algumas das quais, baseadas em minha própria experiência, explicitarei no texto “Algumas manhas da tradução” em *Literatura Italiana traduzida no Brasil e Literatura brasileira traduzida na Itália* (org. Patrícia Peterle. Florianópolis: EDUFSC, 2011). Mas a premissa que abre o ensaio, é a seguinte: Em *Algumas manhas da tradução* refiro-me à tradução literária, obviamente, pois, embora a tradução não artística possa e - é de se desejar - deva ser também elegante, basta-lhe ser correta, compreensível e irrepreensível (vejam-se, quanto a isso, os itens do princípio empírico de Hjelmslev<sup>9</sup> em seus *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*: primeiro

7 Ricardo Piglia (1940): escritor argentino. Publicou, entre os textos de ficção, *La invasión* (contos, 1967), *Nombre falso* (contos, 1975), *Respiración artificial* (romance, 1980), *Prisión perpetua* (novelas, 1988), *La ciudad ausente* (romance, 1992) e *Plata quemada* (romance, 1997). (Nota da IHU On-Line)

8 Don Quixote de La Mancha; personagem criado por Miguel de Cervantes no livro de mesmo nome. No Brasil, o título do livro é grafado como *Dom Quixote de La Mancha*. O título original completo era *El ingenioso hidalgo Don Quixote de La Mancha*, com sua primeira edição publicada em Madri, no ano de 1605. O livro é um dos primeiros das línguas europeias modernas e é considerado por muitos o expoente máximo da literatura espanhola. (Nota da IHU On-Line)

9 Louis Hjelmslev (1899-1965): linguista dinamarquês, precursor das modernas tendências da linguística e proponente do termo glossemática para designar o estudo e a classificação dos glossemas, as menores unidades linguísticas que podem servir de suporte a uma significação. Fundou o Círculo Linguístico de Copenhague (1931). (Nota da IHU On-Line)

o rigor, depois a simplicidade, etc.). Mas à tradução literária isso não basta: sua linguagem tem suas manhas, justamente as que a tornam artística, marcando - como bem vê Roman Jakobson<sup>10</sup> - sua diferença da linguagem comum”.

**IHU On-Line - Em outra entrevista à nossa publicação, a senhora diz que a comutação da pena de morte em trabalhos forçados na Sibéria teve impacto decisivo sobre a obra de Dostoiévski. O que muda em sua literatura depois desse episódio?**

**Aurora Bernardini** - O estilo de Dostoiévski é variado, tanto antes quanto depois de sua experiência como condenado. Depende do projeto do livro que passa a escrever, embora haja características constantes. Mas o que muda nele, após a comutação da pena de morte em condenação a trabalhos forçados, é sua atitude para com a vida, que passou a ser vista sob o prisma do milagre, e para com a instituição do czarismo, contra a qual antes - mesmo que idealisticamente - conspirava, e que passou a preservar, depois.

**IHU On-Line - Após os trabalhos forçados, podemos dizer que vida e obra se imbricam e são inseparáveis em Dostoiévski? Por quê?**

**Aurora Bernardini** - Mesmo antes dos trabalhos forçados, vida e obra se imbricavam em Dostoiévski. Quanto maior a experiência de vida (real e virtual: não se esqueça a importância da leitura, para o autor), mais rica a sua obra.

**IHU On-Line - Como podemos compreender o conceito de polifonia apontado por Bakhtin<sup>11</sup> na obra dos**

10 Roman Jakobson (1896-1982): linguista e crítico literário russo, um dos fundadores da fonologia, autor de *Ensaio de linguística geral* e *Que é poesia?*, além de outros numerosos ensaios sobre linguística e crítica literária. (Nota da IHU On-Line)

11 Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975): linguista russo. Seu trabalho é considerado influente na área de teoria literária, crítica literária, análise do discurso e semiótica. Bakhtin também é considerado como filósofo da linguagem, e sua linguística é uma “trans-linguística” porque ela ultrapassa a visão de língua como sistema. Isso porque, para Bakhtin, não se pode entender a língua isoladamente, mas qualquer análise linguística deve incluir fatores extra-linguísticos como contexto de fala,

toievskiana? Há algum outro autor que se assemelhe a Dostoiévski nesse aspecto?

**Aurora Bernardini** - A polifonia em Dostoiévski, como magistralmente mostrado por M. Bakhtin em *Problemas da poética de Dostoiévski* (2ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997), de leitura obrigatória, era a possibilidade que ele conferia a cada personagem de expor e viver sua ideia-força, independente da autoridade (e mesmo da intenção) do autor. É uma grande revolução na história do romance que - como diz Bakhtin -, marca o fim do paternalismo na literatura. Entre outros autores que procedem como Dostoiévski, nesse aspecto, lembro Tchekhov<sup>12</sup>, em cujos contos cada personagem tem sua voz e seu estilo próprios. Na literatura ocidental moderna e pós-moderna, praticamente só se escreve assim.

**IHU On-Line - A exacerbação como traço fundamental de Dostoiévski encontra paralelo na obra de Tolstói? Que traço é igualmente marcante e característico na obra de Tolstói?**

**Aurora Bernardini** - Na obra de Tolstói não há exacerbação. Ele consegue o estranhamento (considerado um de seus traços fundamentais) por outras vias e no sentido em que o os formalistas russos o vêem: capaz de fazer com que as coisas sejam vistas sob uma luz diferente, como que “pela primeira vez”.

**IHU On-Line - Em que medida as obras desses dois autores questionam o lugar do homem no mundo?**

**Aurora Bernardini - Em Dostoiévski** os intenção do falante, a relação do falante com o ouvinte, momento histórico. Bakhtin professa uma abordagem marxista da língua e da linguística, pois para ele “a palavra é o signo ideológico por excelência” e também “uma ponte entre mim e o outro”. Alguns conceitos fundamentais de Bakhtin são o dialogismo, a polifonia, a heteroglossia e o carnavalesco. Entre suas obras, destacamos *Problemas da poética de Dostoiévski* (2ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997). (Nota da IHU On-Line)

12 Anton Pavlovich Tchekhov (1860-1904): escritor e dramaturgo russo, considerado um dos mestres do conto moderno. Era também médico, exercendo a profissão de 1884 a 1897. Com pouco mais de 20 anos já era considerado um escritor conhecido no meio literário da Rússia, recebendo em 1888 o Prêmio Puchkin. (Nota da IHU On-Line)

protagonistas têm que passar pela experiência do mal, mesmo se redimindo depois e optando pelo bem (algun deles). Em Tolstói o que importa é “saber ouvir a voz da consciência” que diz ao indivíduo o que é bem e o que é mal, e “fazer aos outros o que se deseja seja feito a si”. Como ele era um escritor a tese (ou seja, a voz dele enquanto autor imperava sobre suas personagens) ele constrói seus romances com isso em mente.

**IHU On-Line - Por que a senhora afirma que Tolstói disseca, e Dostoiévski reconstrói?**

**Aurora Bernardini - Dostoiévski reconstrói depois da experiência do mal, Tolstói disseca para expor a voz da consciência.**

**IHU On-Line - Qual é sua obra preferida desses dois escritores?**

**Aurora Bernardini - De Dostoiévski: Memórias do subsolo (Trad. SCHNAIDERMAN, Boris. São Paulo: Editora 34, 2003); de Tolstói: A morte de Ivan Ilitch (Rio de Janeiro: BUP, 1963).**

**IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**Aurora Bernardini - Cada obra dos dois autores abre aspectos interessantíssimos: o discurso é infundável.**

LEIA MAIS...

CONFIRA OUTRAS ENTREVISTAS CONCEDIDAS POR AURORA BERNARDINI À IHU ON-LINE:

\* UM POETA REVOLUCIONÁRIO NAS DISTORÇÕES DAS REGRAS DA GRAMÁTICA E DA SINTAXE. IHU ON-LINE NÚMERO 282, DE 17-11-2008, GERARD MANLEY HOPKINS: POETA E MÍSTICO. DO COTIDIANO IMEDIATO AO PLANO CÓSMICO, DISPONÍVEL EM [HTTP://BIT.LY/VJEBoW](http://bit.ly/vJEBoW)

\* A EXACERBAÇÃO COMO TRAÇO FUNDAMENTAL DE DOSTOIÉVSKI. IHU ON-LINE NÚMERO 296, DE 08-09-2009, DISPONÍVEL EM [HTTP://BIT.LY/TB0DBM](http://bit.ly/TB0DBM)

A REVISTA IHU ON-LINE JÁ PUBLICOU UMA EDIÇÃO ESPECIAL E OUTRAS ENTREVISTAS SOBRE DOSTOIÉVSKI. CONFIRA.

\* FÍODOR DOSTOIÉVSKI: PELOS SUBTERRÂNEOS DO SER HUMANO. EDIÇÃO Nº 195, DE 11-09-2006, DISPONÍVEL PARA DOWNLOAD EM [HTTP://BIT.LY/G98m2](http://bit.ly/g98m2)

\* POLIFONIA ATUAL: 130 ANOS DE OS IRMÃOS KARAMAZOV, DE DOSTOIÉVSKI. ENTREVISTA COM CHICO LOPES, EDIÇÃO Nº 288, DE 06-04-2009, DISPONÍVEL EM [HTTP://BIT.LY/SJCfY](http://bit.ly/sJCfY)

\* DOSTOIÉVSKI CHOROU COM HEGEL. ENTREVISTA COM LÁZLÓ FÖLDÉNYI, EDIÇÃO Nº 226, DE 02-07-2007, DISPONÍVEL EM [HTTP://BIT.LY/uHTY9X](http://bit.ly/uHTY9X)

# CONFIRA OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA [WWW.IHU.UNISINOS.BR](http://WWW.IHU.UNISINOS.BR)



## Plataformas de mídias móveis: desafios para o consumo de conteúdo audiovisual

POR ROSANA VIEIRA DE SOUZA\*

As telecomunicações, as tecnologias da informação e a mídia estão operando de forma cada vez mais integrada a partir de estratégias bem definidas em direção à criação de novos modelos de negócios, a despeito dos resultados, no longo prazo, ainda incertos. Neste artigo, observa-se esse fenômeno de forma crítica.

As mudanças qualitativas fundamentais que se estabelecem na estrutura dos diferentes setores resultam, de forma prática, na microesfera da oferta de serviços e produtos ao mercado consumidor. Os pacotes de serviços chamados *triple-play* que disponibilizam transmissão de voz, dados e vídeo (telefonia fixa, banda larga e TV por assinatura), são cada vez mais frequentes na oferta de grupos como a Claro/Embratel/Net, GVT/SKY e Oi, e ilustram um cenário real de convergência de serviços. No contexto dos terminais, ou dispositivos móveis (smartphones, tablets, PDAs, e-readers, entre outros), a convergência se mostra em seu potencial para o audiovisual, em especial, com a implantação da terceira geração da telefonia celular e da tecnologia 3G de banda larga móvel.

Com início em 2008 no Brasil (o Japão concluiu a transição para a 3G em 2006), a rápida adoção dos smartphones (impulsionada, sobretudo, pelo produto-fetiche iPhone, da Apple, e seus aplicativos) provocou tanto uma mudança substancial no modo de acesso à internet pelo celular como uma oportunidade real para o consumo de conteúdos audiovisuais nesses dispositivos. Um dos fatores importantes para tal cenário é a evolução do número de acessos à banda larga fixa e móvel no país. Parte dessa discussão vem sendo levada a público com a implantação do Programa Nacional de Banda Larga - PNBL, oficialmente lançado em maio de 2010, objetivando inicialmente universalizar o acesso à banda larga no país. Em que pesem as críticas em torno da falta de conexão (com o perdão do trocadilho) das diretrizes propostas pelo governo federal com um plano estratégico mais amplo de inclusão e desenvolvimento econômico e social via acesso às TICs, no longo prazo, é fundamental que as ações sejam colocadas em discussão e, sobretudo, implantadas. Trata-se de um primeiro passo em direção à viabilização da sociedade conectada.

\* Mestre em Administração pela UFRGS, doutoranda em Ciências da Comunicação pela Unisinos, membro do grupo de pesquisa Cepos (apoiado pela Ford Foundation) e professora nos cursos de Comunicação Social, Análise e Desenvolvimento de Sistemas e Especialização em Televisão e Convergência Digital da Unisinos. E-mail: <rovieira.unisinos@gmail.com>.



Em termos da meta de ampliação do acesso à banda larga do PNLB, uma expectativa inicial era de que, até 2014, o país atingisse 40 milhões de acessos de serviço de banda larga fixa e 60 milhões de acessos de banda larga móvel. Para que essa meta seja atingida, contudo, especialmente quanto aos investimentos para promoção da infraestrutura necessária à universalização da banda larga fixa, é crucial a participação da sociedade atenta ao modo como as decisões vêm sendo conduzidas entre todos os participantes.

Segundo dados da Associação Brasileira de Telecomunicações - Telebrasil, em outubro de 2011 o Brasil atingiu cerca de 54 milhões de assinantes de banda larga. Desse total, cerca de 16,3 milhões (30%) são provenientes de banda larga fixa e 37,6 milhões (70%) de banda larga móvel, o que evidencia um longo caminho em relação às metas do PNLB. O serviço fixo apresentou crescimento de 22,4% em relação a outubro de 2010, enquanto o serviço móvel refletiu incremento em torno de 101,1%, no mesmo período. Diversos fatores contribuem para o crescimento do mercado de banda larga móvel, entre os quais a popularidade de smartphones e tablets e os planos de dados para aparelhos pré-pagos.

O Brasil iniciou o mês de outubro com 227,4 milhões de celulares ativos, sendo 185,6 milhões pré-pagos (81,64%) e 41,7 milhões pós-pagos (18,36%), conforme dados da Anatel. Desse total, cerca de 36,5 milhões são

## “Estimular o debate e o envolvimento da sociedade nas importantes decisões que estão sendo levadas a efeito no campo da comunicação significa situá-las a partir de uma economia política da comunicação”

celulares 3G (não necessariamente aparelhos smartphones), aproximadamente 15,8% dos celulares no país. Apesar deste significativo crescimento, os smartphones representam apenas 5,8% de todos celulares vendidos no país no terceiro trimestre de 2011. Em relação aos demais aparelhos de terceira geração, os smartphones possuem dispositivos multimídia avançados que permitem a simulação da experiência com um computador pessoal em uma tela menor. Por esse motivo representam uma oportunidade em termos de plataforma móvel para a oferta de conteúdo audiovisual.

A Ancine define oferta audiovisual em dispositivos móveis como um conjunto de atividades encadeadas,

realizadas por diferentes agentes econômicos envolvidos com a prestação dos serviços de oferta de canais de programação por difusão linear, ou via catálogo de obras audiovisuais por difusão não linear. Este conteúdo pode ser transferido por meio de *streaming* (modalidade em fluxo contínuo ou vídeo “ao vivo”) ou *download* (vídeo sob demanda). Estimar, contudo, o tamanho do atual mercado audiovisual para esses dispositivos não é uma tarefa fácil, já que é também verdade que nem todos os usuários de aparelhos 3G ou de smartphones, adquirem pacotes de dados das operadoras e, portanto, não consomem conteúdos audiovisuais por tais redes. Além dos aspectos de ordem técnica, o avanço do audiovisual em mídias móveis esbarra nos modelos de tarifação pouco claros e na falta de conteúdo relevante para o usuário, além da indefinição acerca de um modelo de receitas para as operadoras.

Estimular o debate e o envolvimento da sociedade nas importantes decisões que estão sendo levadas a efeito no campo da comunicação significa situá-las a partir de uma economia política da comunicação. Essa deve ser capaz de fornecer as bases para a identificação da extensão dos mecanismos de controle e poder que se formam a partir dos novos arranjos corporativos midiáticos na sociedade contemporânea, os quais serão relevantes na construção social das preferências de consumo em mídias móveis.



## Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

**Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 06-12-2011 a 09-12-2011.**

**Brasil perde liderança em Durban**

Entrevista especial com Marcelo Montenegro, advogado, assessor do programa de Direito e Alimentação da ActionAid Brasil

Confira nas Notícias do Dia de 06-12-2011

Acesse no link <http://bit.ly/vAFAPR>

Os primeiros dias da COP-17 demonstraram que a ratificação de um segundo acordo para o Protocolo de Kyoto “será praticamente impossível”, disse o advogado à IHU On-Line, direto de Durban, onde acompanha as negociações da conferência do clima.

**“Devemos erradicar a pobreza e manter nossas florestas em pé”**

Entrevista especial com Pedro Ivo de Souza Batista, membro da Associação Alternativa Terrazul, integrante da equipe de coordenação da Rede Brasileira de Integração dos Povos - Rebrip e do Grupo Articulador do Comitê Facilitador da Sociedade Civil para a Rio+20.

Confira nas Notícias do Dia de 07-12-2011

Acesse no link <http://bit.ly/vBL66o>

“Dependendo do enfoque, os temas propostos na Rio+20 podem ser mais uma cortina de fumaça nas soluções dos problemas de fundo, ocasionados pela crise ambiental

planetária”, aponta o integrante da Coordenação da Rede Brasileira de Integração dos Povos - Rebrip.

**“Essa é uma lei da produção agrícola e não tem nada a ver com o Código Florestal”**

Entrevista especial com Francisco Milanez, educador ambiental, arquiteto, biólogo e membro da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural - Agapan e da Fundação para o Desenvolvimento Ecologicamente Sustentado - Ecofund

Confira nas Notícias do Dia de 08-12-2011

Acesse no link <http://bit.ly/uL3z22>

“Para manter esta orgia de crescimento econômico e exportação, aprovam um código que autoriza aumentar a área plantada”, declara o ambientalista.

**E se Altamira fosse a capital do Pará?**

Entrevista especial com Aluizio Roberto Paiva dos Santos, mestre em Filosofia, professor da Faculdade de Belém - Fabel

Confira nas Notícias do Dia de 09-12-2011

Acesse no link <http://bit.ly/sgqdoc>

“O que se constatou ao longo da história do Pará foi uma situação de abandono promovido pelos governos, que sustentaram sua capital distante geograficamente do restante do estado”, aponta o professor da Faculdade de Belém - Fabel.

**Leia as Notícias do Dia e a  
Entrevista do Dia no site do IHU em**

**[www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)**



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

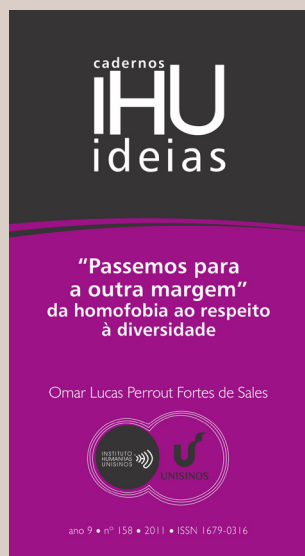
IHU **ON-LINE**

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

# CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR

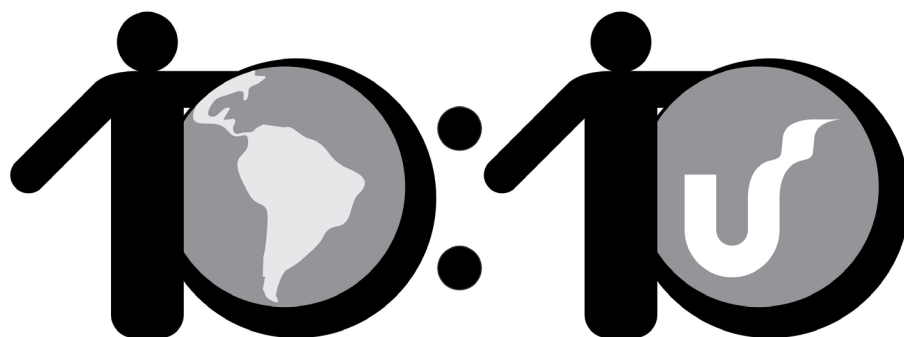


# REDUZIR: uma atitude cada vez maior.

A **C**ampanha 10:10 Global surgiu em 2009 com a ideia de **reduzir** em 10% o **C**onsumo de carbono no mundo a partir de 2010.

Inspirada nessa ideia, a Unisinos implantou o projeto **10:10 Unisinos**, que iniciou no dia 10 de outubro de 2010 com o objetivo de reduzir em 10% a emissão de **carbono** na universidade.

A **Agência Experimental de Comunicação** da Unisinos colaborou com essa campanha através da **criação do logotipo**.



**Pra viver, tem que cuidar e fazer acontecer.**

## **ABRACE ESSA CAUSA**

Criada em julho de 2002, a Agexcom reúne em um único espaço professores, profissionais e estagiários dos cursos de Comunicação Social da Unisinos. A agência realiza trabalhos de criação e divulgação para diversos setores e cursos da universidade.

Além disso, é responsável pelo site de comunicação [portal3.com.br](http://portal3.com.br), a revista Primeira Impressão e os jornais Enfoque e Babélia.

## Leônidas Tatsch

POR THAMIRIS MAGALHÃES | FOTO ARQUIVO PESSOAL

**T**rabalhando na Unisinos há quase dois anos, o agente de proteção e risco Leônidas Tatsch se considera uma pessoa batalhadora, responsável e humilde. Altruísta, diz que um de seus maiores sonhos já está se realizando, que é ter a oportunidade de estudar e adquirir o diploma de professor. “Meu sonho é entrar em uma sala de aula, estar em um lugar ou escrever alguma coisa que possa fazer sentido para alguém. Às vezes, sinto-me mais feliz com a felicidade alheia do que com a minha própria”, admite. Admirador da frase do escritor e jornalista Gabriel Garcia Márquez: “A vida não é a que vivemos e sim a que recordamos e como recordamos para depois contar”, Tatsch tem inúmeras histórias emocionantes. Histórias que podem ser conferidas a seguir, em entrevista concedida pessoalmente à IHU On-Line.

**Autodefinição** - Sou batalhador, responsável, até porque saí de casa muito cedo e tive que aprender as coisas por mim mesmo. Além disso, sempre valorizei muito a humildade. Ter humildade para admitir os erros e saber conviver com as pessoas com essa virtude, creio que seja uma das minhas maiores características.

**Origem** - Nasci dia 24 de julho de 1986 em Cachoeira do Sul, no interior do Rio Grande do Sul. Trabalhava com meu pai em lavoura de arroz e trabalhos braçais, coisas interioranas mesmo. Como morava no interior e lá não havia muita oportunidade de crescimento profissional, aos 17 anos me mudei para Santa Maria-RS a fim de trabalhar na base aérea. Servi como voluntário na Aeronáutica. Fiquei quase seis anos lá dentro. Meus pais moram em Cachoeira do Sul-RS. Tenho três irmãos; uma menina, mais nova; um rapaz, com 31 anos e outro que é adotivo, com 37 anos. Moro sozinho em São Leopoldo há um ano e dez meses.

**Trabalho** - Atualmente trabalho no Setor de Proteção e Risco, Transporte e Trânsito - SPTT onde sou segurança há quase dois anos. Além disso, curso o terceiro semestre do curso de Letras - Habilitação em Português aqui na

Unisinos.

**Experiências profissionais** - Fiz curso de bombeiro. Sou formado nessa área. Já trabalhei no resgate de socorros na BR; fui instrutor de tiros, pistola e fuzil dentro do quartel; instalava bombas em aviões, além de ter viajado bastante a trabalho. Fui à Missão de Paz do Haiti, pela Organização das Nações Unidas - ONU. Viajei também quando estava em uma equipe de resgate da Aeronáutica, para atender as vítimas do acidente da Gol em 2008. Mas não quis seguir a carreira militar. Poderia ter permanecido lá dentro. Só que meu sonho sempre foi estudar, fazer faculdade e eu não poderia ter uma vida acadêmica lá porque viajava muito. Eu pensava que iria ficar 30 anos dentro do quartel e não estaria fazendo o que realmente gosto. Não posso deixar de lembrar que foi lá dentro que aprendi muita coisa. Para minha formação profissional e pessoal foi imprescindível ter servido à Força Aérea. Grande parte do que eu sou hoje foi graças ao que aprendi no quartel; valores como disciplina, educação, ser profissional, levar as coisas a sério. Além disso, trabalhando lá, acabamos dando mais valor à vida porque acabamos vivenciando certas coisas. Poder fazer alguma coisa pelas pessoas que mais precisam é muito gratificante, enobrece bastante o homem.

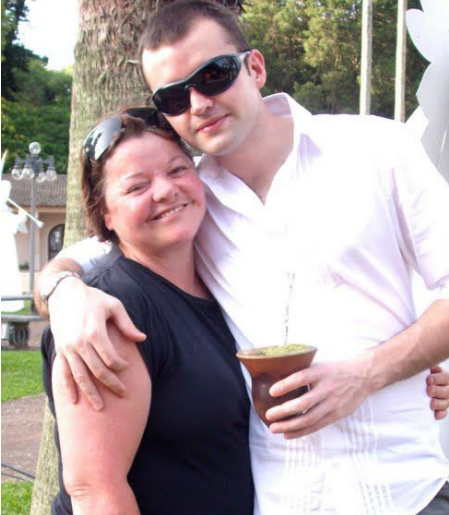
**Decisão** - Um dia decidi que não queria ficar muitos anos fazendo o que não queria. Foi quando saí e vim para São Leopoldo. Deixei meu currículo na Unisinos e agora estou tendo a oportunidade de fazer o que eu mais gosto, que é estudar, um dia me formar e tentar passar alguma coisa, ensinar algo para alguém.

**Curso** - Estudei no conservatório de música pouco antes dos meus 15 anos e fiquei lá durante quase quatro anos. Estudava música clássica e violão erudito. Tudo isso em Cachoeira do Sul. Estudei bastante teoria da música, o que ainda gosto bastante.

**Música** - Gosto muito de música brasileira, jazz, erudita. Tudo o que é inteligente eu admiro. Aprecio bastante Tom Jobim e Chico Buarque. Costumo dizer que este último tem as respostas para todas as perguntas. Além deles, meu cantor predileto é o Frank Sinatra.

**Lazer** - Nas horas vagas geralmente faço minhas coisas pendentes em casa e estudo. Além disso, gosto muito de ler, ouvir música e sempre que posso vou a algum espetáculo ou evento cultural em Porto Alegre.

**Livro** - Gosto muito do livro *As pa-*



LEÔNIDAS AO LADO DA MÃE, VERA REGINA, E DA SOBRINHA, CLARA

entrar em uma sala de aula, estar em um lugar ou escrever alguma coisa que possa fazer sentido para alguém. Às vezes, sinto-me mais feliz com a felicidade alheia do que com a minha própria. Então, creio que o meu sonho seja um dia tentar fazer alguma coisa para mudar ou ajudar alguém.

*lavras do Jean-Paul Sartre (Difusao Europeia, 1964), onde o autor conta sua história e diz o que os livros proporcionaram para ele.*

**Filme** - *Forrest Gump: O Contador de histórias* (1994), dirigido por Robert Zemeckis com Tom Hanks, no papel-título e baseado no romance homônimo de 1986 escrito por Winston Groom.

**Religião** - Fui batizado na Igreja Católica e minha família é católica. Deus para mim é um momento de reflexão, como uma oração, que é sentar em um lugar e tentar encontrar a paz, refletir e pensar nas coisas boas e, principalmente, nas pessoas que eu gosto. Frequento quase todos os dias a capela aqui da Unisinos. Gosto do ambiente tranquilo que ela proporciona.

**Curiosidade** - Nunca fui muito de rezar. Mas tem uma coisa curiosa: eu já fiz muitas coisas pelas outras pessoas, apetece-me a felicidade alheia. Só que nunca fui de fazer oração, não acreditava muito. Certa vez, minha mãe, que é muito religiosa, disse para mim: "Sempre que puder, antes de dormir, reza". E eu dizia que não tinha significado isso para mim. Foi quando ela me questionou: "Você gosta de mim?". Eu disse: "Sim, claro que gosto. Eu te amo". E ela disse: "Se você gosta de mim, faz isso por mim então, enquanto eu existir e depois que eu não mais existir. Sempre antes de dormir, reza. Essa será uma maneira de celebrar a vida e estar também, ao mesmo tempo, lembrando de mim, me homenageando". Então, desde o dia que ela me pediu, todas

as noites antes de dormir, rezo por ela. E isso me fez mudar muito.

**Lembrança** - Em Santa Maria tive um relacionamento com uma mulher que tinha um menino, Gabriel, à época, de cinco meses de idade. Ficamos juntos quatro anos e criei-o como se fosse meu filho desde pequeno. E uma das coisas mais belas que já presenciei na minha vida e a melhor sensação que já tive, foi poder acordar ao lado de uma criança tão pequena e inocente, abrir os olhos e se deparar com aquele ser acordado, olhando para você com as duas mãozinhas no teu rosto. E com essa história da reza da minha mãe, peço sempre, antes de dormir e logo depois que acordo, por ela e pelo pequeno Gabriel também. Isso já há dois anos.

**Política no Brasil** - Acredito que tem muita coisa que precisa ser mudada no nosso país. E não vai ser mudada de hoje para amanhã. Educação e saúde são duas coisas que têm que melhorar muito. Mas acredito que isso tudo não parte apenas da política em si. Creio que cada um de nós pode fazer alguma coisa, mínima que seja. Temos que ter consciência disso: ajudar uma criança na rua, oferecer uma palavra amiga ou entrar em sala de aula e mostrar um pouco do mundo para uma criança. Isso já é um ponto positivo. E é uma forma de política também.

**Sonho** - Um deles já estou realizando, que é estar aqui estudando, tendo a oportunidade de me formar. Ademais, meu sonho é

**Unisinos** - É muito importante para mim. Primeiramente porque me abriu as portas e os caminhos. Depois porque as diretrizes da instituição me cativam bastante e creio que cresci muito desde o dia que ingressei aqui. Tenho admiração e respeito pela Unisinos, até mesmo por ser uma instituição religiosa. Além disso, depois que comecei a rezar e por estar envolvido em uma instituição religiosa, várias coisas fizeram sentido na minha cabeça. Ademais, por conviver com os padres, reitor, vice-reitor e com outros sacerdotes que lecionam aqui, poder conversar com eles e perceber que passaram a vida toda estudando e se dedicando à fraternidade, sem querer algo em troca, aprendi muito e percebo que isso é importante.

**Frase** - Tem uma frase do Gabriel Garcia Márquez da qual gosto muito: "A vida não é a que vivemos e sim a que recordamos e como recordamos para depois contar". Então, a vida são os momentos importantes. São os momentos que vivi com o Gabriel, o momento em que minha mãe pediu para eu rezar para ela. O sorriso e a felicidade de alguém. São momentos que nunca saem da minha cabeça. De repente a vida não é tudo aquilo que se viveu. Se a pessoa tem 50 anos, não necessariamente ela pode ter vivido 50 anos. Vivemos os momentos que recordamos, que são os mais importantes. Há outra frase, também do Márquez, de que gosto muito: "Amigo nós não fazemos. Amigos, nós reconhecemos".



# Destaques

Desde a última terça-feira, dia 5 de dezembro, está no ar o novo sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Mais 'clean' e interativa, a página eletrônica do IHU é dividida em três grandes blocos, onde o leitor consegue visualizar a Entrevista do Dia e as principais notícias do Brasil e do mundo; ter acesso às informações dos próximos eventos do IHU; acompanhar as novas publicações do Instituto e as últimas informações do Blog do IHU. Ainda é possível conferir quais são as entrevistas e notícias mais lidas e comentadas, além dos últimos twitts postados no Twitter do IHU.

www.unisinos.br minhaUnisinos

Blog RSS Twitter Facebook YouTube

Busca

Início Sobre o IHU Áreas Notícias Entrevistas Publicações Eventos Cepat Espiritualidade Entre em contato

**ENTREVISTA DO DIA**

**E se Altamira fosse a capital do Pará? Entrevista especial com Aluizio Roberto Paiva dos Santos**

O que se constatou ao longo da história do Pará foi uma situação de (...)

**NOTÍCIAS DO DIA**

Pela 1ª vez, Brasil aceita compromisso internacional de corte de emissões

A ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, discursou ontem na 17.ª Conferência do Clima (COP-17), em Durban, na África do Sul, e afirmou pela primeira vez que o País aceita um compromisso internacional de corte de emissões de (...)

COP-17 deverá renovar Kyoto e deixar promessas

Países anunciam verba para fundo

China e Brasil fazem engrenagem começar a girar

Se houver fracasso em Durban, danos do aquecimento global serão maiores

EUA podem aceitar novo acordo global do clima

**O IHU ESTÁ LANÇANDO SEU NOVO WEBSITE**

Mais interativo, fácil de navegar e acessar os conteúdos! Quer saber tudo o que mudou? [VEJA AQUI COMO NAVEGAR](#)

**PRÓXIMOS EVENTOS**

**Igreja, Cultura e Sociedade**

De 02 de outubro a 05 de outubro

XIII Simpósio Internacional IHU: Igreja Cultura e Sociedade. A semântica do Mistério da Igreja no Contexto das novas gramáticas da civilização tecnocientífica

0 Comentários [Leia mais](#)

De 12 de março a 13 de abril  
Páscoa IHU 2012

De 07 de outubro a 11 de outubro  
Congresso Continental de Teologia

**REVISTA IHU ON-LINE**

**IHU ON-LINE**

Edição nº 383

**MAIS LIDOS**

"Devemos erradicar a pobreza e manter nossas florestas em pé". Entrevista especial com Pedro Ivo de Souza Batista

Dependendo do enfoque, os temas propostos na Rio+20 podem ser mais uma cortina de fumaça nas soluções dos problemas de fundo, ocasionados (...)

[Leia mais](#)

Jovem aproveita cerimônia no Planalto para protestar contra Belo Monte. "Tá", responde Dilma

A presidente Dilma Rousseff foi surpreendida nesta terça-feira, 6, com um protesto de uma estudante, contra a construção da usina hidrelétrica (...)

[Leia mais](#)

Brasil perde liderança em Durban. Entrevista especial com Marcelo Montenegro

Os primeiros dias da COP-17 demonstraram que a ratificação de um segundo acordo para o Protocolo de Kyoto "será praticamente impossível", (...)

[Leia mais](#)

Atendimento Espiritual

Para atendimento personalizado, escreva para [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br) ou pelo telefone: (51) 3590 8474

Para orientação espiritual online (...)

[Leia mais](#)

**MAIS COMENTADOS**

Atendimento Espiritual

Para atendimento personalizado, escreva para [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br) ou pelo telefone: (51) 3590 8474

Para orientação (...)

[Leia mais](#)

TERCEIRO DOMINGO DE ADVENTO

Evangelho segundo João 1, 6-8, 19-28

"Apareceu um homem enviado por Deus, que se chamava João. Ele veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a (...)

[Leia mais](#)

**ENQUETE**

O INSS deve cobrar de motoristas a pensão das vítimas de acidentes?

Não, absolutamente

Sim, talvez

Sim, sem dúvida

[VOTAR](#) [RESULTADOS](#)

Apoio:



IHU Contracapa

